



ARTIGOS COMPLETOS	1553
RESUMOS DE PESQUISA	1578
RELATOS DE EXPERIÊNCIA	1590

19 a 23 de outubro de 2020
Anais do ENEPE
ISSN 1677-6321

Unoeste

ARTIGOS COMPLETOS

AS REPRESENTAÇÕES DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE O SUICÍDIO E SUAS CONEXÕES COM A IDEIAÇÃO SUICIDA	1554
UMA EXPERIÊNCIA MATERNA COM A CHEGADA DA FILHA ADOTIVA: OS ENCONTROS E OS DESENCONTROS NA CONSTRUÇÃO VINCULAR.....	1567

AS REPRESENTAÇÕES DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE O SUICÍDIO E SUAS CONEXÕES COM A IDEIAÇÃO SUICIDA

Washington Freire Pessoa, Sara Rayane Ferreira Souza

Faculdade De Filosofia Ciências e Letras De Penápolis – FAFIPE, Penápolis, SP. Email: psicologia.washington@gmail.com

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo compreender as representações que universitários têm sobre o suicídio e averiguar quais fatores estão envolvidos na produção de ideação suicida, a partir da análise das representações sociais sobre o suicídio. Este estudo utilizou o método de pesquisa qualitativa e contou com a participação de vinte universitários de ambos os sexos, com idades entre 18 e 35 anos. Através dos dados coletados, observou-se que múltiplos são os fatores que podem contribuir para a produção de ideação suicida nesta população. Observou-se que o que predomina é o suicídio representado como uma tristeza profunda e/ou interminável tendo a depressão como o principal gatilho para a potencialização deste ato. Portanto, pode-se inferir que a construção das representações que os universitários têm sobre o suicídio têm papel importante na produção de percepção sobre o suicídio e o suicida, pois, em sua grande maioria são construtos tidos pela sociedade como padrão de normalidade e ao quebrar com esses conceitos, os universitários(as) ficam expostos ao julgamento moral por todas as instâncias da sociedade.

Palavras-chave: Ideação suicida, Morte, Representações sociais, Suicídio, Universitários.

COLLEGE STUDENTS REPRESENTATIONS OF SUICIDE AND ITS CONNECTIONS WITH SUICIDAL THOUGHTS

ABSTRACT

This study aimed to understand the representations that university students have about suicide and to know the factors involved in the production of suicidal thoughts, from the analysis of social representations about suicide. The qualitative research method was used in this study and had twenty college students of both sexes between 18 and 35 years of age. Through the data collected, it was observed that are multiple factors that can contribute to the production of suicidal thoughts in this population. It was observed that what predominates the ideas surrounding suicidal thoughts were represented as a deep and/or infinite sadness, and depression being the main trigger as potentiation of this act. Therefore, it can be inferred that the construction of the representations that university students have about suicide has an important role in the production of the perception of suicide and suicide itself, because, in the great majority, they are constructs considered by society as a standard of normality and by breaking with these concepts, university students are exposed to moral judgment at all levels of society.

Keywords: Suicidal thoughts, Death, Social representations, Suicide, College students.

INTRODUÇÃO

Discutir e refletir sobre suicídio é essencial devido ao seu impacto na sociedade, seja em termos estatísticos, seja em relação a familiares, amigos ou conhecidos das pessoas que tentam suicídio e conseguem consumá-lo. A Organização Mundial de Saúde - OMS ressalta, em várias publicações, que este fenômeno tem aumentado exponencialmente nas últimas décadas em todos os países, envolvendo todas as faixas etárias e, também, vários contextos socioeconômicos, o que tem colocado o suicídio entre as dez principais causas de morte¹.

Dessa forma, falar sobre suicídio significa retomar as raízes etimológicas dessa expressão, que segundo Salazar; Téllez; Blanco remontam ao latim Sui que significa (si mesmo) e Caederes (ação de matar)

ou matar a si mesmo, o desejo e/ou ato de por fim intencionalmente a própria vida. Essa palavra está associada a condições de auto eliminação típicas das construções ideológicas de várias culturas ao longo do tempo²⁻³.

Alguns estudiosos deste fenômeno como Durkheim e Netto, retratam o suicídio em seus estudos como um fenômeno humano, complexo e universal. A morte é temida pela maioria das pessoas; entretanto, pode ser considerada como um alívio para aqueles que não encontram alternativas para seus problemas e buscam, por meio de comportamentos autodestrutivos, acabar com a própria existência^{4,5-6}.

Segundo Durkheim, o comportamento intencional de tirar a própria vida é resultado da soma de diversos fatores de origem emocional, psíquica, social e cultural. O indivíduo busca na morte o alívio, uma forma de fugir daquilo que o deprime, que o exclui de maneira insuportável. Decepções amorosas, problemas familiares ou financeiros, depressão, transtornos de personalidade, abuso de substâncias químicas, são alguns dos fatores. Claro que nem sempre tais fatores atuam como causa direta, mas podem potencializar o risco da depressão e levar ao suicídio⁷.

A literatura científica disponível apresenta e compreende este fenômeno por várias perspectivas. Alguns estudiosos, dentre eles Szasz (2002) *apud* Netto; Durkheim, compreendem o suicídio como uma construção social, e como tal, foi constituído historicamente através dos tempos, tendo adquirido significados e valores diversos que variam de acordo com a sociedade de um determinado período⁴⁻⁵.

No continente europeu, especificamente na época do império romano, o suicídio era um ato aprovado e às vezes até honroso. No Japão no passado recente a prática de suicidar-se era valorizada como um ato honroso, pois, era a oportunidade do indivíduo praticar o harakiri¹ por se sentir envergonhado pelo seu fracasso⁸.

É por volta do século V que o ato de tirar a própria vida ganha uma conotação pecaminosa segundo a visão de Santo Agostinho, também conhecido como Agostinho de Hipona e/ou Bispo de Hipona. Neste mesmo período o suicídio passa a ser retratado como crime, porque lesava os interesses da Coroa. Aqueles que tiravam a própria vida tinham seus bens interditados aos herdeiros, e seus cadáveres eram penalizados⁵.

Ao final da Idade Média, com a separação entre a Coroa e a Igreja, a medicina passa a ocupar um lugar privilegiado no controle da sociedade, de maneira que, a partir de então, são os médicos que definem a negatividade da morte voluntária, patologizando este fenômeno e nomeando as pessoas que o cometem de loucas⁵.

Este mesmo autor a partir dos estudos de Thomas Szasz, discorre sobre o sentido negativo que foi dado à morte e ao suicídio, que denomina como morte voluntária:

A morte em geral é vista como um tabu. As pessoas não gostam e não querem ouvir falar, ou tampouco falar sobre a morte. Dentro disso, uma morte voluntária remete a um problema maior. Outra questão é que, por não gostar e não querer saber da morte, busca-se também a manutenção da vida, a qualquer custo. Busca-se fazer o possível e o impossível para se manter as pessoas vivas, independentemente das consequências que isso possa trazer para as próprias pessoas⁵.

Por isso, é importante que algumas definições sobre o comportamento suicida sejam compreendidas. Para Werlang; Botega, este possui uma definição mais ampla do que o suicídio, pois nele está incluso todo ato no qual um indivíduo causa lesão a si próprio, qualquer que seja o grau de intenção letal e de conhecimento do real motivo desse ato. O comportamento suicida inclui desde pensamentos de autodestruição, ameaças, gestos, tentativas de suicídio até o suicídio consumado. Para Santos et al., a ideação suicida é o elemento central do comportamento suicida, que se apresenta como desencadeador dos demais elementos: a tentativa de suicídio e o suicídio consumado⁹⁻¹⁰.

A Organização Mundial da Saúde – OMS, em seu relatório de prevenção ao suicídio deste mesmo ano reconhece esse fenômeno como uma prioridade na agenda global de saúde. De acordo com dados apresentados neste mesmo relatório, aproximadamente 75% dos suicídios ocorrem em países

¹ Ritual japonês de suicídio cercado por regras e cerimônias, no qual o abdômen era cortado por uma adaga ou espada.

subdesenvolvidos e em desenvolvimento² e, atualmente, apenas 28 países possuem planos estratégicos de prevenção¹¹.

Segundo estatísticas da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE, verifica-se tendência crescente para as taxas de mortalidade por suicídio no Estado de São Paulo. No biênio 2001-2002 era de 4,3 óbitos por 100 mil habitantes, em 2007-2008 passa para 4,6, até atingir 5,6 por 100 mil em 2013-2014, contabilizando um aumento de 30,2% nas taxas de mortalidade para esse fenômeno¹².

No Brasil, o coeficiente de mortalidade por suicídio é relativamente baixo se comparado a outros países do mundo como Lituânia, Bielorrússia, Rússia, Cazaquistão, Hungria, Japão e Coreia do Sul que variam entre 20 e 40 óbitos por 100 mil habitantes, enquanto o Brasil teve 5,8 no ano de 2014. Entretanto, pesquisas apontam para o crescimento do índice de suicídio em nosso país, colocando o Brasil na 8ª posição no ranking mundial em números de suicídios¹².

No dia 14 de agosto de 2006, o Ministério da Saúde – MS divulgou por meio da portaria 1.876/06 uma série de diretrizes do que seria um programa nacional de prevenção ao suicídio. Dentre as diretrizes abordadas estão: campanhas de informação e sensibilização à sociedade para mostrar que o suicídio é um problema de saúde pública e pode ser prevenido; organização de uma rede de atenção e de intervenções nos casos de tentativas de suicídio; educação permanente dos profissionais de saúde da atenção básica¹³.

A presente pesquisa qualitativa tem como escopo a entrevista semiestruturada, que seguiu um roteiro pré-determinado a partir do objetivo do estudo, com a intenção de orientar, dimensionar e subsidiar a análise dos pesquisadores acerca da narrativa construída na ocasião da entrevista.

Foram utilizados nesta pesquisa, estudos que tiveram as contribuições de resoluções e diretrizes do Ministério da Saúde - MS, Organização Mundial da Saúde - OMS, de revistas internacionais, de autoras e autores e pesquisadores nacionais e internacionais das ciências sociais e psicológicas como Dutra, Durkheim, Diehl, Fontanella, Ibáñez, Martínez-Duran, dentre outros.

Diante do exposto, o presente trabalho objetiva, compreender que representações sociais os jovens universitários de um município da alta noroeste paulista têm sobre o suicídio, e se há incidência de ideação suicida nessas representações. E por fim, este trabalho tem como finalidade averiguar quais fatores estão envolvidos na produção de ideação suicida em universitárias e universitários.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Antes de dar início a pesquisa, os pesquisadores submeteram o projeto de pesquisa à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP do Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium (UniSALESIANO), em cumprimento aos princípios da Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde - CNS que discorre sobre o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, cujo número do CAAE é 13267119.5.0000.5379.

TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. Este tipo de investigação trabalha com o universo dos significados, aspirações, das crenças, dos valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis¹⁴.

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram desta pesquisa, 20 (vinte) universitários de ambos os sexos, com idades entre 18 e 35 anos de uma Instituição de Ensino Superior Público-Privada de uma cidade de pequeno porte da região noroeste do estado de São Paulo, que estavam no primeiro ou segundo ano de suas respectivas graduações. Os nomes são fictícios e foram escolhidos aleatoriamente devido à questão do sigilo que foi um dos cuidados discutidos na apresentação da pesquisa e na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

² Países subdesenvolvidos são aqueles que detêm baixa renda, fragilidade social e vulnerabilidade. Já os países em desenvolvimento são os que possuem população com qualidade de vida que varia entre média e baixa renda e um recente desenvolvimento no setor industrial.

Os participantes desta pesquisa são do curso de Direito que compreende a área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas; de Pedagogia que compreende a área de conhecimento das Ciências Humanas e da Engenharia Agrônoma que compreende a área de conhecimento das Ciências Agrárias, o que corresponde em números a 5 universitárias e universitários do curso de Direito; 11 participantes do curso de Pedagogia e 4 do curso de Engenharia Agrônoma.

A amostra desta pesquisa foi feita por conveniência, visto que, as universitárias e universitários foram convidados(as) pelos pesquisadores para participarem desta pesquisa. Sendo que 15% desses participantes têm 18 anos, 25% têm 19 anos, 15% têm 20 anos, 20% têm 21 anos, 5% tem 23 anos, 10% têm 26 anos, 5% tem 29 anos e 5% tem 35 anos. Dessa forma, pode-se inferir que 55% dos participantes desta pesquisa têm menos de 21 anos. Foi observado ao final do processo de coleta de dados que 14 universitárias e 6 universitários participaram da pesquisa, o que corresponde a 70% e 30% da amostra respectivamente.

INSTRUMENTOS

Para o levantamento dos dados foram utilizados nesta pesquisa os seguintes instrumentos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, esclarecendo para a participante e o participante, de forma que esta ou este compreenda todo o processo da pesquisa, a justificativa, os objetivos, os procedimentos e questões éticas e, ainda, descrevendo-se riscos e benefícios, de forma clara e objetiva e entrevista semidirigida com perguntas para a investigação do tema.

ANÁLISE DE DADOS

Após a transcrição de todas as entrevistas na íntegra, foi feita uma categorização das falas para posterior análise. Para Gomes (2009), a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos¹⁵.

A pesquisadora e o pesquisador nortearam-se pela amostragem por saturação, que é uma ferramenta conceitual frequentemente empregada nos relatórios de investigações qualitativas em diferentes áreas do conhecimento. Esta ferramenta foi essencial para estabelecer o tamanho final da amostra em estudo, evitando assim, a redundância ou repetição, interrompendo a captação de novos componentes, definindo desta forma o conjunto de informações que vai amparar a análise e interpretação dos dados¹⁶.

Os dados coletados foram analisados a partir da Teoria das Representações Sociais de Moscovici. Para este autor, as representações sociais, portanto, tem funções específicas, como a de compreender fenômenos humanos, orientar condutas, explicar a realidade social, justificar tomadas de posição, além de definir identidades, ao mesmo tempo em que preserva as particularidades dos grupos¹⁷.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Categorias	Representações sociais de universitários sobre o conceito de suicídio
	Representações sociais dos discentes sobre a questão do suicídio entre universitários
	Representações sociais de universitários sobre pessoas que cometem suicídio

Figura 1. As categorias de análise

No que tange aos objetivos desse estudo, procurou-se compreender sobre as representações sociais de universitários sobre o suicídio e suas conexões com a ideação suicida. Para tanto, a pesquisa foi estruturada em torno de três categorias, analisadas por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes deste estudo.

A primeira categoria, *Representações sociais de universitários sobre o conceito de suicídio*, procura compreender como é a representação desses estudantes sobre o suicídio. A segunda categoria, *Representações sociais dos discentes sobre a questão do suicídio entre universitários*, busca entender qual a compreensão de universitários sobre o suicídio entre seus pares no ambiente acadêmico. A terceira categoria, *Representações sociais de universitários sobre pessoas que cometem suicídio*, procura compreender como é a representação de universitários sobre as pessoas que cometem suicídio.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE O CONCEITO DE SUICÍDIO

Estudiosos do comportamento suicida como Durkheim e Netto apresentam esta prática como um fenômeno exclusivamente humano, complexo e universal. A literatura científica mundial analisa o suicídio sob os mais variados prismas e alguns autores entendem este ato como uma construção social que foi constituída historicamente através dos tempos, tendo adquirido significados e valores variados⁴⁻⁵.

Para a literatura disponível, vários são os fatores que são entendidos como situações gatilhos que podem contribuir para a potencialização do suicídio, tais como, sintomas depressivos, abuso de bebidas alcoólicas e drogas, classe econômica, orientação sexual, credo religioso e tentativas de suicídio anteriores e/ou na família.

Diante da temática - Representações sociais de universitários sobre o conceito de suicídio - foi percebido pelos pesquisadores que nenhum dos participantes desta pesquisa conceituou o suicídio como o "ato de matar a si mesmo". Entretanto, foi observado que os(as) universitários(as) entrevistados(as) acreditam que os sintomas depressivos e/ou a depressão são um dos principais gatilhos potencializadores

do comportamento suicida. Isto pode ser observado nas falas de Ana, Isabela, Júlia, Larissa e Sofia. Para elas o suicídio é:

Uma tristeza interminável onde a pessoa não vê nenhuma saída daquilo e você se sente muito mal, onde ela quer acabar com tudo que ela sente porque não tem mais jeito nenhum (ANA).

[...] Depressão, tristeza (ISABELA).

Acho que tristeza [...] é uma coisa triste porque tem tristeza tanto dos familiares quanto da pessoa que se foi (JÚLIA).

Uma pessoa que está triste, precisando de ajuda e ela tenta se livrar daquilo (LARISSA).

Uma tristeza muito profunda pela qual a pessoa está passando. A primeira coisa que me vem à cabeça é isso. É uma tristeza que não tem solução, é profunda e intensa (SOFIA).

Os discursos acima apresentados corroboram com os estudos produzidos por Santos et al., Almeida; Benedito; Ferreira, Ibáñez e Martínez-Durán et al. Estes autores observaram em suas pesquisas que os fatores que potencializam o suicídio são múltiplos, entretanto, a depressão apareceu na maioria dessas literaturas como uma das principais causas desencadeadoras deste comportamento^{10, 18-19-20}.

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS, a depressão é um transtorno mental frequente. Em todo o mundo, estima-se que mais de 350 milhões de pessoas, de todas as idades, sofram com esse transtorno. A depressão pode causar à pessoa afetada um grande sofrimento e disfunção em todas as áreas da vida como, profissional, pessoal e acadêmica e na pior das hipóteses pode levar até mesmo ao suicídio²¹.

A depressão é considerada um problema de saúde grave e altamente predominante na população em geral. De acordo com estudos, a prevalência de depressão ao longo da vida no Brasil está em torno de 15,5%. Atualmente a depressão ocupa o 1º lugar quando considerado o tempo vivido com incapacitação ao longo da vida o que corresponde a 11,9% da população deste país²².

Um outro ponto observado é que três participantes relataram ao responder esta mesma questão que já tiveram casos de suicídios em suas famílias, como pode ser verificado nas falas de Alice, Helena e Laura:

[...] Já tive na família um parente que se enforcou na área do fundo da casa. Aí eu cheguei na hora e peguei a cena tirando ele do lençol. Foi com um lençol, não foi com uma corda (ALICE).

[...] O dia que ele se matou, para mim foi um choque. Encontraram ele morto dentro de casa (HELENA).

Eu já passei por isso. Tem uma pessoa da minha família que se suicidou (LAURA).

Pode ser percebido nas falas destas universitárias que o suicídio provoca um impacto negativo muito grande na vida dos familiares, pois, como se trata de um assunto que é tido pela sociedade como tabu é gerador de muita angústia e sofrimento²³.

Estes mesmos discursos corroboram com as estatísticas nacionais e mundiais que sinalizam que o suicídio é um grave problema de saúde pública que tem crescido exponencialmente e acomete pessoas de todas as raças, faixas etárias, classes sociais e credos religiosos. Botega por meio da análise de dados para sua pesquisa sobre o comportamento suicida ao longo da vida, observou que de cada 100 habitantes que pensam em suicídio, 5 fazem planos, 3 tentam suicídio e 1 consegue consumir o ato²⁴.

Outro ponto a ser destacado sobre o que estes universitários(as) pensam a respeito do conceito de suicídio é sobre o viés religioso. Não era um dos objetivos da pesquisa saber sobre o credo religioso dos

participantes e se faziam ou não parte de alguma denominação religiosa e sim sobre as representações que estes têm sobre o suicídio.

Portanto, esta não é uma das perguntas que fizeram parte do roteiro para entrevista que foi produzido para esta pesquisa. Entretanto, esta foi uma das questões que permeiam a construção social do homem em diversas épocas da história da humanidade e que emergiram durante o processo de coleta de dados. Tal percepção fica evidenciada através das falas desses três entrevistados. Para eles:

[...] Para te falar a verdade eu também já tentei, mas graças a Deus sem sucesso e jamais voltarei a fazer isso novamente [...]. (VALENTINA).

[...] Porque se Deus deu o dom da gente respirar todos os dias, quem é a gente para retirar a vida. Eu não sou ninguém para tirar a minha própria vida e nem a vida de ninguém (HELENA).

Eu acho que a família, religião e sociedade são responsáveis pelos suicídios [...] (LUCAS).

Pode ser observado na fala da primeira participante que Valentina agradece à Deus por sua tentativa de suicídio não ter dado certo. A segunda participante acredita que a vida é um dom divino e que por isso, não deve ser interrompida pelo próprio sujeito. O terceiro participante acredita que a religião pode ser considerada como potencializador do comportamento suicida, o que corrobora com os estudos de Carneiro, que sinaliza que ter uma religião aumenta a culpa e aversão a esse ato, pensamentos suicidas significativos são encontrados em pessoas religiosas em quantidade maior do que em pessoas que se definem sem religião⁸.

A Bíblia Sagrada repudia a prática do suicídio veementemente, porque este ato vai contra a dádiva da vida que é dada por Deus. Na perspectiva cristã católica o excerto que fundamenta indiretamente a condenação do suicídio é o sexto dos dez mandamentos³ que diz: “Não matarás” (Êxodo, 20, 13) e sua repetição no livro de Deuteronômio (Deuteronômio, 5, 17)²⁵.

O livro de Apocalipse no capítulo 22 e versículo 15 versa sobre a primeira parte da punição para quem descumprir o sexto mandamento. “Ficarão de fora⁴ [...] os homicidas⁵ [...] (Apocalipse, 22, 15). No mesmo livro, no capítulo 21 e versículo 8 encontra-se a segunda e última parte da punição. Quanto, porém, aos [...] homicidas, [...] a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre [...] (Apocalipse, 12, 8)²⁵.

Essa consideração também é observada no relato de Valentina. Para ela:

Fui criada por família evangélica, então quando eu também tentei isso [...] Fui muito reprimida pelos meus pais porque, olha se você tivesse conseguido você não ia ser perdoada porque a lei de Deus não aprova tal ato [...] (VALENTINA).

A fala de Valentina corrobora com a teoria sobre o suicídio de Émile Durkheim, que acredita que a religião promove valores compartilhados, interação e vínculos sociais fortes que reduzem a sensação de isolamento e, ao mesmo tempo, estabelecem um conjunto de ideais pelos quais viver, constituindo-se assim, um fator que ajuda contra o suicídio. Todavia, este caminho pode tomar outra direção e produzir o efeito contrário, podendo contribuir para o suicídio, como nos casos de LGBTfobia⁶ motivada por indivíduos de denominações religiosas que excluem e/ou expulsam os LGBTs⁷ desses espaços⁸.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS DISCENTES SOBRE A QUESTÃO DO SUICÍDIO ENTRE UNIVERSITÁRIOS

Na temática - percepção dos discentes sobre a questão do suicídio entre universitários - foi observado pelos pesquisadores que o índice de entrevistados(as) que participaram do primeiro dia de coleta de dados que já tinham tentado suicídio era bastante significativo, pois, dos(as) sete

³ Conjunto de leis que segundo a Bíblia, foram escritas por Deus e entregues à Moisés no Antigo Testamento que corresponde a Antiga Aliança.

⁴ Referente à Cidade Santa, também conhecida como nova Jerusalém, que segundo a bíblia foi preparada para os cristãos.

⁵ Algumas traduções utilizam o termo “assassino”.

⁶ O mesmo que homofobia, que é a hostilidade, rejeição ou aversão direcionada a homossexuais.

⁷ É a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

universitários(as) entrevistados(as), duas já haviam tentado suicídio. Isto pode ser observado nas falas de Valentina e Ana.

[...] Eu sou contra. Para te falar a verdade eu também já tentei [...] (VALENTINA).

[...] Eu já tentei suicídio no passado [...] (ANA).

Ao transcrever esses relatos, os pesquisadores recordaram-se que enquanto saíam do local de coleta de dados juntamente com uma das participantes após o término de duas das entrevistas do primeiro dia de coleta de dados, a mesma relatou já ter tentado suicídio. Esta situação ocorreu novamente com mais uma das participantes. Os dados e as transcrições destes dois relatos não fizeram parte deste trabalho em virtude do processo de coleta de dados já ter sido finalizado e dos pesquisadores e participantes já terem saído do local previamente preparado para as entrevistas. Entretanto, os pesquisadores acreditam que será importante deixar esses acontecimentos registrados neste estudo.

As falas de Valentina e Ana e os relatos das outras duas participantes desta pesquisa que foram descritas no parágrafo acima correspondem a 20% desta amostra e com os dados dos artigos utilizados no referencial teórico desta pesquisa sinalizam que o comportamento suicida entre jovens universitários(as) tem crescido significativamente, o que justifica a produção de material científico que verse sobre esta parte da população atingida por este que atualmente é considerado um grave problema de saúde.

A entrada na vida adulta e/ou ingresso do jovem ao universo acadêmico são alguns dos fatores que podem acentuar o comportamento suicida, pois, impõe à este indivíduo um ambiente novo e desconhecido que em conjunto com outras diversas transformações que estão ocorrendo com este indivíduo como, o processo de desenvolvimento pessoal e social podem causar altos níveis de angústia ou depressão²⁶⁻¹⁰.

Nesta mesma categoria, os(as) universitários(as), sinalizaram através de suas respostas que o suicídio ainda é considerado um tabu não somente no meio acadêmico, como também em outras instâncias da sociedade. Isso pode ser observado nas falas dos(as) universitários(as) Beatriz, Enzo, Laura, Miguel e Pedro. Segundo eles(as):

A gente nunca falou sobre isso por enquanto. A gente sempre procura falar mais sobre coisas positivas do que... É que a gente não tem nenhuma pessoa assim, pelo menos não que eu saiba [...] (BEATRIZ).

Aqui na faculdade eu nunca tratei desse assunto, a gente nunca comentou sobre isso (ENZO).

Não conversamos sobre isso. Não mesmo (LAURA).

Nunca conversamos sobre isso e nem nada do gênero. Sou do primeiro ano, então a gente conversou sobre muitos tipos de conversas e tal e tudo mais e nunca chegamos no papo de suicídio (MIGUEL).

É uma coisa que pelo menos no meu círculo de amizade a gente nunca nem pensou, sei lá. Nunca nem comentou sobre isso (PEDRO).

Para Netto, o suicídio é uma construção social e com o passar do tempo ganhou diversos sentidos e significados. Para a sociedade contemporânea o suicídio tem um significado negativo e é visto por um lado como, como fraqueza, egoísmo, necessidade de atenção e, por outro, como fuga do sofrimento e dor e necessidade de aliviar questões psíquicas construídas ao longo da história do sujeito⁵.

O impacto causado pela compreensão do suicídio como um tabu fica mais evidenciada quando o discurso de Alice é analisado:

A gente não comenta muito sobre o suicídio. Mas dá para ver que existe na minha sala pelo menos uma pessoa que já tentou e que tem depressão. Que só está na faculdade para espairer a cabeça [...] (ALICE).

Apesar de saber que uma de suas colegas de classe tem depressão, que já tentou suicídio e que está na faculdade com o objetivo de fazer algo que lhe é prazeroso e por consequência espairer a cabeça,

este é um assunto que é pouquíssimo ou nada discutido entre seus pares na sala de aula e/ou em outros espaços do ambiente acadêmico.

Após a finalização das entrevistas e transcrições dos áudios na íntegra, nenhum(a) dos(as) participantes relatou ter conversado sobre esta temática na faculdade a não ser em períodos específicos como nas atividades do setembro amarelo⁸. Isso pode ser verificado na fala de Larissa quando fala da importância do espaço proporcionado pelos pesquisadores para a discussão desse tema. Para ela:

Eu acho que o que vocês estão fazendo é algo bem legal. Que deveria ter mais iniciativas assim, principalmente na faculdade, sobre os psicólogos procurarem os alunos para poder ter uma sessão, essas coisas... Porque eu acho interessante o que vocês estão fazendo, porque precisa. Está precisando muito. Principalmente aqui [...] (LARISSA).

Segundo a percepção de Rebeca sobre o suicídio entre universitários, este tema não é retratado por ela no ambiente acadêmico por acreditar não ter vínculos suficientes com seus pares. Esta compreensão sobre o comportamento suicida pode ser evidenciada por meio da sua fala:

[...] Na minha sala tem muitas garotas, mas não converso muito com elas [...]. Às vezes eu converso com algumas no local de trabalho, mas como não somos muito próximas, então não converso sobre isso. Acho que na minha sala seja a mesma coisa (REBECA).

Esta concepção reforça a ideia de que falar sobre suicídio é algo proibido e tem que ser tratado sob o véu do silêncio, o que vai na direção contrária sobre o que muitos estudiosos desta temática trazem em seus estudos, dentre eles Barbosa; Macedo; Silveira, quando falam sobre a necessidade da desmistificação deste tema, visto que é um assunto polêmico e que causa grande sofrimento, tanto para quem apresenta comportamento suicida e/ou consuma o suicídio de fato, quanto para familiares, amigos e sociedade²³.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE PESSOAS QUE COMETEM SUICÍDIO

O que foi observado sobre a percepção dos(as) universitários(as) no que diz respeito as pessoas que cometem suicídio, é que este é um ato praticado com a intenção de libertação e/ou fuga de alguma situação que está causando dificuldades e/ou sofrimento para este sujeito. Isso pode ser observado nas falas de Laura, Isabela e Sofia. Para elas:

Talvez seja uma fuga da vida real, talvez seja, sei lá, um desespero da própria pessoa (LAURA).

Eu acho que elas estão muito atormentadas [...]. Às vezes isso na cabeça delas é como uma libertação de todo sofrimento. Bom eu vejo dessa forma. Elas querendo se libertar e encontram o suicídio como forma de libertação (ISABELA).

[...] Eu penso que elas não vêm solução mais para o sofrimento delas. Que elas podem ter tentado muitas ajudas e não restou uma solução ou ter guardado para elas e chegou a um ponto que explode. Eu penso que elas não veem saída [...] (SOFIA).

Além da libertação e/ou fuga do sofrimento vivenciado pelo sujeito, pode ser observado na fala abaixo a solidão e a escassez de vínculos afetivos. Essa percepção é evidenciada no relato de Júlia. Para ela:

Eu acho que a pessoa [...] não vê outra alternativa, porque querendo ou não, não é todo mundo que tem acesso a um psicólogo ou algum amigo para poder se abrir e mesmo se tem essa pessoa, não é tão fácil chegar e falar sobre os sentimentos, sobre o que está sentindo, porque tem medo de ser julgado e tudo mais. Eu vejo que a pessoa não vê mais solução. Ela chega ao ponto que não tem mais solução e acaba se suicidando por não enxergar outra alternativa [...] (JÚLIA).

Se o suicídio é tido como uma válvula de escape para situações indesejadas e causadoras de grande sofrimento aos indivíduos de uma sociedade como pode ser percebido na fala de Júlia, mas afinal, o que causa esse sofrimento na população em geral? Existe uma causa específica ou é o resultado de um

⁸ Campanha brasileira de prevenção ao suicídio iniciada em 2015.

conjunto de fatores? Moscovici compreende as representações sociais como um sistema de valores, ideias e práticas que estabelecem uma ordem que possibilita às pessoas compreenderem seu mundo material e social, além de possibilitar a comunicação entre os indivíduos de uma comunidade²⁷.

Ao falar que [...] “não é tão fácil chegar e falar sobre os sentimentos, sobre o que está sentindo, porque tem medo de ser julgado” [...], Júlia está querendo dizer que é difícil falar sobre os sentimentos com outras pessoas pelo receio do que o outro irá pensar e/ou falar sobre o que foi dito. Ela acredita que o julgamento por parte do outro é o vilão da história. E isto se dá em parte, pelo fato de serem valores que foram constituídos historicamente pela sociedade no decorrer do tempo e de como o outro apreendeu esses valores e reage em relação a eles.

Para Moscovici, as representações sociais, portanto, tem funções específicas, como a de compreender fenômenos humanos, orientar condutas, explicar a realidade social, justificar tomadas de posição, além de definir identidades, ao mesmo tempo em que preserva as particularidades dos grupos¹⁷.

Segundo este autor, as representações sociais permeiam diferentes conceitos e percepções. Pensar diferente e romper com os padrões tidos como normalidade pela sociedade é algo difícil em qualquer momento da história, pois, deixa o indivíduo refém do julgamento alheio. Motivo esse pelo qual muitas pessoas se retraem e deixam de conversar ou procurar ajuda quando não conseguem lidar com alguma situação específica que acarreta em sofrimento.

Alguns autores entendem o suicídio como um ato com três fases, sendo a primeira delas a ideia de suicídio ou comumente nomeada como ideação suicida, que é a ideia de matar a si mesmo; a segunda, a tentativa de suicídio que são comportamentos que ocasionam ferimentos autoprovocados e a terceira, o suicídio propriamente dito que é o êxito em tirar a própria vida. Esta compreensão pode ser evidenciada na fala de Alice. Para ela:

[...] Na verdade eu não sei muito o que dizer porque, se eu pudesse me encaixar nesses estágios de suicídio... Tem o estágio um que você começa a pensar, o estágio dois que você tem a iniciativa e o estágio três sabe!? [...] (ALICE).

O suicida pode ser visto por alguns, como uma pessoa forte por ter tido coragem para tirar a própria vida e por outros como uma pessoa fraca por não ter encarado as dificuldades e os problemas surgidos na sua vida com a coragem que eles exigiam. Para Bruno o ato de tirar a própria vida é injustificável e o sofrimento deste sujeito não é levado em consideração por este participante, como pode ser observado no seu discurso. Para ele:

Acho bobeira viu. Porque tirar a própria vida por nada... Tipo, eu sei que é uma doença mas... (BRUNO).

A fala de Bruno reforça o estereótipo que grande parte da sociedade reproduz. Para Gonçalves; Silva; Ferreira, quando se trata de comportamento suicida o que fica evidente é o rótulo que estas pessoas que apresentam esse comportamento podem sofrer. Passam a ser vistos como sujeitos problemáticos, desajustados, fracos e egoístas, por não pensarem sobre o sofrimento que estão causando aos familiares, entre outras questões²⁸.

Na direção contrária a percepção de Bruno, Mariana entende o suicídio como um fenômeno que deve ser tratado com seriedade. O seu discurso sinaliza o comportamento suicida como algo sério que gradualmente vai fazendo com que a pessoa perca o interesse pela vida. Isto pode ser percebido na sua fala:

[...] Não acho que é uma bobeira igual muitos falam. Eu acho que é uma coisa muito séria e que as pessoas chegam num ponto que não querem mais viver, que não têm mais motivo e que nem as famílias ou qualquer outra coisinha segura eles aqui [...] (MARIANA).

Mariana retrata o comportamento suicida como algo que deve ser levado em consideração devido ao sofrimento que causa ao sujeito. Quando ela diz achar que o suicídio não é uma bobeira como muitas pessoas falam, esta universitária acredita que o suicida não está simplesmente querendo chamar atenção e sim que o sofrimento e as dificuldades foram tantas que o mundo passou a ser um ambiente hostil no qual o sujeito simplesmente perdeu o interesse em viver nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo compreender as representações sociais que jovens universitários(as) têm sobre o suicídio e suas conexões com a ideação suicida, sendo este, um fenômeno construído socialmente e com significados que se modificam a partir da concepção de homem e sociedade e perpassam o cotidiano da vida de indivíduos de qualquer raça, faixa etária, econômica e credo religioso, em especial os(as) universitários(as) por serem o objeto de estudo desta pesquisa.

Através dos dados coletados, observou-se a partir da análise das representações sociais sobre o suicídio que múltiplos são os fatores que podem contribuir como questões significativas para a produção de ideação suicida entre universitários. Dessa forma, optou-se por dividir a análise do presente estudo em três categorias principais, a partir dos discursos que emergiram durante o momento da coleta de dados.

Na primeira categoria que refere-se às *Representações sociais de universitários sobre o conceito de suicídio*, observou-se que o que predomina é o suicídio representado como uma tristeza profunda e/ou interminável tendo a depressão como o principal gatilho para a potencialização deste ato. Entretanto, observou-se também a partir das falas dos participantes que, a não aceitação pela família, sociedade e religião são considerados por eles como agravantes para o comportamento suicida.

Na segunda categoria, *Representações sociais dos discentes sobre a questão do suicídio entre universitários*, esta pesquisa demonstrou que apesar das estatísticas sinalizarem que o suicídio entre universitários tem crescido exponencialmente, esta população não conversa sobre este assunto no ambiente acadêmico por acreditarem que o comportamento suicida é um tabu e/ou por não terem vínculos suficientes para abordar este assunto entre seus pares.

No que se refere à terceira categoria, *Representações sociais de universitários sobre pessoas que cometem suicídio*, pode-se observar que para elas e eles o suicídio é tido como uma válvula de escape, um ato pensado, planejado e executado com a intenção de libertação e/ou fuga de alguma situação ou evento que está causando dificuldades e/ou sofrimento para o indivíduo.

Portanto, pode-se inferir que a construção das representações que os universitários têm sobre o suicídio têm papel importante na produção de percepção sobre o suicídio e o suicida, pois, em sua grande maioria são construídos tidos pela sociedade como padrão de normalidade e ao quebrar com esses conceitos, os universitários(as) ficam expostos ao julgamento moral por todas as instâncias da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Centro de Estudos em Psicologia e Atendimento Comunitário - CEPAC por ter gentilmente cedido a sala utilizada para a coleta de dados, à Professora Mestre Joicimar Cristina Cozza pela orientação do Trabalho de Conclusão de Curso, sem o qual, a realização deste artigo não seria possível e às universitárias e universitários que participaram deste estudo. Os autores declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

REFERÊNCIAS

1. Werlang G. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. *In: O suicídio e os desafios para a psicologia*. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2013. [acesso 07 de novembro de 2019]; Disponível em: <http://www.crsp.org.br/portal/midia/pdfs/suicidio-cfp.pdf>
2. Salazar JAA, Téllez CH, Blanco LAG. La autopsia psicológica en Colombia: exploración psicobiográfica del suicidio. *Revista Internacional de Psicología*. 12(2). Instituto de la familia Guatemala. jun. 2013. [acesso 20 de outubro de 2019]; Disponível em: <http://www.revistapsicologia.org/index.php/revista/article/view/70/67>.
<https://doi.org/10.33670/18181023.v12i02.70>
3. Cervantes PW, Melo Hernández E. El suicidio en los adolescentes: un problema en crecimiento. *Duazary*, 5(2): [148 – 154] Jul./dez. 2008. [acesso 20 de outubro de 2019]; Disponível em: <http://revistas.unimagdalena.edu.co/index.php/duazary/article/view/669>

4. Durkheim E. O suicídio. Um estudo sociológico. Rio de Janeiro: Zohar, 1982.
5. Netto NB. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. *In: O suicídio e os desafios para a psicologia*. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2013. [acesso 07 de agosto de 2020]; Disponível em: <http://www.crp.org.br/portal/midia/pdfs/suicidio-cfp.pdf>
6. Moreira LCO, Bastos PRHO. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 19(3), Setembro/Dezembro de 2015. [acesso 02 de novembro de 2019]; Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00445.pdf>
<https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>
7. Durkheim, E. O suicídio: estudo sociológico. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
8. Carneiro ABF. Suicídio, religião e cultura: reflexões a partir da obra *sunset limited*. Reverso. Belo Horizonte, Ano 35, (65): [15-24]. Jul. 2013. [acesso 20 de julho de 2020]; Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v35n65/v35n65a02.pdf>
9. Werlang BG, Botega NJ. Comportamento suicida. Porto Alegre: Artmed, 2004.
10. Santos HGB, Marcon SR, Espinosa MM, Baptista MN, Paulo PMC. Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 25(e2878). 2017. [acesso 08 de novembro de 2019]; Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/pt_0104-1169-rlae-25-e2878.pdf
<https://doi.org/10.1590/1518-8345.1592.2878>
11. Organização mundial da saúde. Preventing suicide: a global imperative. Luxemburgo: World Health Organization; [89], 2014. [acesso 10 de fevereiro de 2019]; Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf?sequence=1
12. Governo do Estado de São Paulo (SEADE). Mortalidade por suicídios no estado de São Paulo. SP Demográfico. Resenha de estatísticas Vitais do Estado de São Paulo. 16(3): set. 2016. [acesso 08 de outubro de 2018]; Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/midia/2016/09/SeadeSPDemo-Suic%C3%ADdios.pdf>
13. Ministério da Saúde (Brasil), Portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006. Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Brasília, 2006. [acesso 16 de fevereiro de 2019]; Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html
14. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). 28a. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; 2009.
15. Gomes R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In: Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). 28a. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; 2009.*
16. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas; *Cadernos de Saúde Pública*; 24(1): [17-27], jan. Rio de Janeiro, 2008. [acesso 11 de agosto de 2020]; Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>
<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>

17. Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social, investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2005.
18. Almeida HMDS, Benedito MHA, Ferreira SB. Os fatores que levam o suicídio entre universitários. Revista de Pesquisa Interdisciplinar. Cajazeiras. (2), suplementar, [647 – 659]; set. 2017. [acesso 20 de julho de 2020]; Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/383/pdf>
<https://doi.org/10.24219/rpi.v2i2.383>
19. Ibáñez NNC. Prevención psicológica y neuropsicológica de factores de riesgo suicida em estudantes universitários. Psicogente, 19(36): [336-346]. Julio-Diciembre, 2016. [acesso 04 de agosto de 2020]; Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/psico/v19n36/0124-0137-psico-19-36-00336.pdf>
20. Martínez-Duran E, Romero-Romero M, Cruz NR, Cañón-Montañez W. Riesgo de suicídio em jóvenes universitários de Bucaramanga em elã no 2011. Revista Cuidarte. 2(1): [182-187]. jan. 2011. [acesso 04 de agosto de 2020]; Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/cuid/v2n1/v2n1a13.pdf>
<https://doi.org/10.15649/cuidarte.v2i1.55>
21. Organização Pan-Americana da Saúde (Brasil), Folha informativa depressão. 2018. [acesso 18 de novembro de 2019]; Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095
22. Ministério da Saúde (Brasil), Depressão: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção. 2019. [acesso 18 de novembro de 2019]; Disponível em: <http://saude.gov.br/saude-de-a-z/depressao>
23. Barbosa FO, Macedo PC, Silveira RMC. Depressão e suicídio. Rev. SBPH, 14(1), Rio de Janeiro - Jan/Jun. 2011. [acesso 20 de julho de 2020]; Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v14n1/v14n1a13.pdf>
24. Botega JB. Crise Suicida: Avaliação e Manejo. Porto Alegre: Artmed; 2015.
25. Bíblia Sagrada NT. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2a. ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 1993.
26. Dutra E. Suicídios de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. Estudos e Pesquisa em Psicologia. Rio de Janeiro, 12(3): [924-937]. 2012. [acesso 09 de novembro de 2019]; Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v12n3/v12n3a13.pdf>
<https://doi.org/10.12957/epp.2012.8229>
27. Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 11a. ed. São Paulo, SP: Vozes; 2017.
28. Gonçalves PIE, Silva RA, Ferreira LA. Comportamento suicida: percepções e práticas de cuidado. Psicologia Hospitalar. 13(2): [64 – 87]. 2015. [acesso 08 de outubro de 2018]; Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v13n2/13n2a05.pdf>

UMA EXPERIÊNCIA MATERNA COM A CHEGADA DA FILHA ADOTIVA: OS ENCONTROS E OS DESENCONTROS NA CONSTRUÇÃO VINCULAR

Anna Cecília Latanzio Rodrigues Silva, Jorge Luís Ferreira Abrão

Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho – UNESP, Presidente Prudente, SP. E-mail: annacecilia21@yahoo.com.br

RESUMO

Com a chegada do filho adotivo conteúdos inconscientes da mãe são acionados, evocando sua experiência enquanto filha. O luto pela fertilidade se torna significativo no desenvolvimento das relações vinculares. Objetiva-se compreender o processo de adaptação da mãe a partir da chegada da filha adotiva. Utilizou-se um estudo de caso, por intermédio do procedimento do Desenho-Estória com Tema e entrevista semiestruturada com uma mãe que havia adotado sua filha com 6 meses de idade. O pouco tempo na fila de adoção dificultou o desenvolvimento da preocupação materna primária e o acolhimento das demandas psíquicas da filha. A relação afetiva ganha espaço a partir da experiência de luto da mãe pelo filho biológico e pelos ideais construídos da relação mãe-bebê. Assim, a disponibilidade para a maternagem, atrelada ao espaço psíquico desta mãe no acolhimento das demandas emocionais da sua filha, possibilitou o desenvolvimento de um enlace na dupla mãe-bebê.

Palavras-chave: psicanálise, relação mãe-bebê, adoção, maternagem, desenvolvimento.

A MATERNAL EXPERIENCE WITH THE ARRIVAL OF THE ADOPTED DAUGHTER: THE ENCOUNTERS AND THE MISMATCHES IN THE BONDING CONSTRUCTION

ABSTRACT

With the arrival of the adopted son, the mother's unconscious contents are triggered, evoking her experience as a daughter. The mourning for infertility becomes significant in the development of bonded relationships. The objective is to understand the mother's adaptation process from the arrival of the adopted daughter. A case study was used, through the Drawing-Story with Theme procedure and semi-structured interview with a mother who had adopted her daughter with 6 months old. The short time in the adoption line complicated the development of primary maternal concern and the acceptance of the daughter's psychological demands. The affective relationship gains space from the mother's experience of mourning the biological son and the ideals constructed from the mother-baby relationship. Then, the availability for motherhood, linked to this mother's psychic space in accepting her daughter's emotional demands, enabled the development of a bond in the mother-baby pair.

Keywords: psychoanalysis, mother-baby relationship, adoption, motherhood, development.

INTRODUÇÃO

Na adoção, há desdobramentos psíquicos referentes ao adotante e ao adotado. Em relação ao adotado, parte-se de um registro de abandono em algum momento de sua vida; no adotante, os registros variam de acordo com a motivação para a adoção, em especial parte-se da infertilidade, além dos desdobramentos que este processo acarreta, os quais abordaremos à frente.

Neste sentido, o luto passa a ser uma experiência emocional importante para o desenvolvimento de uma nova história familiar. Tanto o adotante quanto o adotado, em algum momento, transitarão por essa experiência de perda, pois um vivenciará o luto pela família biológica perdida e, o outro, o luto pelo filho biológico que não pode ter.

Inicialmente, é importante considerar os aspectos psíquicos sobre a maternidade e suas implicações no desenvolvimento emocional da mulher, pois se compreende que a mulher ao se tornar mãe carrega consigo uma mãe internalizada e reacende sua experiência enquanto filha, a qual contorna as suas expressões da maternidade e delinea a relação vincular mãe-bebê pela presença de núcleos inconscientes e originários no psiquismo¹.

A definição de maternidade para este trabalho transita entre dois conceitos: maternidade e maternagem. Muitos teóricos os utilizam como sinônimos, porém outros conceituam a maternidade como relacionada ao laço de sangue entre mãe e filho e a maternagem aos cuidados e investimentos na construção do vínculo afetivo desta dupla.² Neste caso, quando se utilizar o termo maternidade, este fará referência a esta definição proposta de maternagem.

A parentalidade não está exclusivamente ligada ao processo biológico de gestação da criança, mas o tornar-se pai e mãe relaciona-se a um processo psíquico em contínua construção com o filho, o que possibilita o desenvolvimento de um relacionamento afetivo e necessário com ele.³

O nascimento de uma mãe é amparado psiquicamente na relação que esta mulher experiencia com sua mãe por meio da sua condição de filha. Diante disso, os aspectos psíquicos desta relação precisarão ser reprimidos e/ou elaborados para que a nova experiência materna tenha espaço para se inaugurar, sendo importante a ressignificação dos conteúdos passados para que estes não se atualizem na relação presente e possibilite o contar de uma nova história⁴.

Neste processo de desenvolvimento materno, algumas mães depositam nos seus filhos seus conteúdos narcísicos e suas fantasias onipotentes.¹ Os filhos acabam carregando a função de corresponder com as expectativas de suas mães, tornando-os o objeto ideal e uma parte do ego delas. Isso pode levar a uma dificuldade de os filhos assumirem suas próprias vidas e o desenvolvimento de sua autonomia.

A relação mãe e filho é delineada pela saúde emocional e pelos recursos psíquicos desta mãe, o que não quer dizer que haverá uma ausência de sofrimento, dor e angústia, mas que a saúde psíquica da mãe pode levar a um alcance saudável e real da maternidade.

Neste sentido, considerar a gestação no processo psíquico da mãe é importante, pois neste período ela desenvolve sua configuração materna e passa a fantasiar seu bebê, enquanto este cresce fisicamente em sua barriga. Ao mesmo tempo, esta mãe também vive fantasias de morte do bebê, retratando a ambivalência existente nesta relação. Aos poucos, a mãe vai tendo um encontro maior com a realidade materna.⁵

Há alterações na mulher durante e após a gestação de um bebê, incluindo as modificações fisiológicas que se apresentam pela sustentação do bebê em seu útero.⁶ Gradativamente, a mãe vai desenvolvendo uma sensibilidade acentuada a fim de se aproximar das necessidades de seu bebê, um jeito único de se voltar para dentro, mãe e bebê se misturam em prol do desenvolvimento deste, denominado pelo autor de “preocupação materna primária”. Este estado inicia-se no final da gestação e se estende por algumas semanas após o parto, perdendo aos poucos seu valor. Essa experiência psíquica passa a ser considerada uma doença “saudável” (necessidade de saúde da mãe para entrar e sair deste estado quando o bebê a libera), pois em outro contexto se aproximaria de um distúrbio psicótico, o qual seria comparado a uma dissociação da realidade, na qual a mãe se disponibiliza para um contato mais próximo com o bebê na tentativa de atender as suas necessidades.⁷

Se a mãe alcança este estado de preocupação materna primária, ela possibilita ao bebê o desenvolvimento de um ego, em virtude de suas satisfações terem sido atendidas, originando a fantasia neste bebê de que o mundo externo corresponde às suas próprias capacidades em criar.⁸

O desenvolvimento da maternagem pode se relacionar com conceito de “mãe suficientemente boa”, ou seja, uma mãe que irá compreender e atender as demandas físicas e emocionais do bebê. Isso proporcionará ao bebê uma vivência onipotente, na qual a mãe possibilita esse sentimento de que é ele quem cria o mundo e que este encontra-se sob seu controle, para que posteriormente tenha recursos suficientes para se frustrar e experienciar novas etapas do desenvolvimento emocional. Com as autorizações destas experiências emocionais, brota-se um *self* verdadeiro a partir do olhar inteiro desta mãe ao bebê.⁷

Quando o desenvolvimento da maternagem caminha ao contrário, a mãe falha repetidamente em ir ao encontro do gesto espontâneo do bebê e este não é autorizado a viver as experiências onipotentes. Ao invés disso, as necessidades da mãe imperam sob as do bebê, a fim de que este se submeta a ela, o que pode levar ao adoecimento da estrutura psíquica e iniciar o desenvolvimento de um falso *self* no bebê.⁶ Neste sentido, a maior violência contra bebês e/ou crianças é o “não ser visto” e “não ser ouvido” pelos pais, “o que provoca colapso, a submissão e o Falso *Self*, que passa a esconder o núcleo psicótico, que talvez nunca venha a receber os cuidados necessários.”⁹

A ‘mãe suficientemente boa’ se caracteriza pelo exercício de três importantes funções: *holding*, *handling* e a apresentação de objeto. Tais aspectos auxiliam na construção do vínculo afetivo entre mãe e bebê.

Frente aos cuidados necessários desta mãe para com este bebê, pode-se destacar a importância e a necessidade de vivência do *holding* e do *handling* no favorecimento do desenvolvimento psíquico do bebê e do vínculo mãe-bebê.⁶

Quando se faz referência ao *holding*, diz-se de uma provisão ambiental suficientemente boa, ou seja, que vai ao encontro das necessidades fisiológicas do bebê, considerando a sensibilidade da pele, do toque, da audição, da visão, etc. como forma de sustentar e garantir segurança ao bebê, ou seja, uma forma de demonstrar o amor. Com isso, a mãe pode distinguir a temperatura do corpo do bebê, a escuta deste, uma percepção visual mais aguçada, além de uma sensibilidade à queda (em função da experiência gravitacional), amparando-o nos movimentos, nos cuidados e nas percepções ambientais, a fim de possibilitar seu desenvolvimento psíquico e físico. O lactente não vê a existência de outra coisa que não seja ele mesmo.⁶

Quando não há o cuidado materno satisfatório, fica uma falha no desenvolvimento do ego do bebê, gerando um enfraquecimento deste ego, o que resulta numa vivência de aniquilamento. Em situações extremas, o lactente tem a sensação de estar vivo apenas quando experimenta situações de forte irritabilidade, sendo um contraponto à continuidade de ser, ou seja, de um fortalecimento de ego.⁶

O *handling* (manipulação) “facilita a formação de uma parceria psicossomática na criança. Isso contribui para a formação do sentimento do “real”, por oposição a “irreal”. A manipulação deficiente trabalha contra o desenvolvimento do tônus muscular e da chamada “coordenação”, e também contra a capacidade de a criança gozar da experiência do funcionamento corporal, e de SER.”¹⁰

Além disso, é importante considerar a apresentação de objeto como função materna no desenvolvimento do bebê, o qual se refere ao tornar real o impulso criativo da criança, possibilitando ao bebê estabelecer relação com os objetos. “A apresentação de mundo seria o fenômeno responsável pela possibilidade de o bebê criar o mundo a partir de sua apresentação em pequenas doses, o que favoreceria a experiência do *self* num tempo e espaço compartilhados.”¹¹

Caminhando em prol do desenvolvimento da maternagem, juntamente encontra-se o desenvolvimento emocional do bebê, que se dá pela relação de dependência que vai acontecendo ao longo do processo de amadurecimento. Assim o bebê experimenta com a mãe uma relação de dependência absoluta, na qual ele ainda não percebe a mãe como alguém separado dele. Conforme a mãe vai favorecendo as vivências onipotentes do bebê, ele vai caminhando para a dependência relativa, após os primeiros meses de vida e passa a perceber a necessidade de cuidados desta mãe, e aos poucos pode relacionar este fato aos seus impulsos pessoais até que chegue à independência relativa, período em que agora, como criança um pouco mais velha, adquire formas para alcançar o desenvolvimento de cuidados reais, ou seja, a partir das experiências de cuidados, introjeta-os, obtendo a confiança do ambiente. Este último período é caracterizado como uma independência relativa, pois o bebê pode transitar em alguns momentos por estes outros estágios.⁶

Considerando ainda o desenvolvimento da maternagem, “uma mulher não se configura primordialmente como mãe, a função materna é um processo de construção, ou seja, fundamentalmente produto de uma operação psíquica”.⁵

Nesse sentido, vale considerar também como esse desenvolvimento da maternagem se apresenta nos processos de adoção. Para aproximar desta compreensão, considerar-se-á a relação mãe-bebê na

adoção a partir do processo de desenvolvimento emocional proposto por Winnicott nos três momentos: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência relativa.

No período em que o bebê se encontra no estado de dependência absoluta, a mãe vivencia a preocupação materna primária. Neste sentido, a mãe adotiva irá experimentar tal estado sem ter passado pelo fenômeno da gravidez, porém poderá ser vivido um estado temporário de preocupação exclusiva, se identificando com o bebê sonhado dentro dela. Isso tudo será possível a partir de suas referências maternas, ou seja, de sua história enquanto mulher, do seu desejo e das funções maternas existentes dentro dela.¹²

Os pais adotivos vivenciam inúmeras angústias durante o processo de adoção e uma delas se refere ao preparo para a chegada desta criança e o tempo de espera para tal. Neste sentido, o encurtamento deste tempo de espera poderá favorecer o desenvolvimento da relação afetiva. A espera longa por este bebê pode trazer complicações para este processo, dificultando o estado de sensibilidade que os pais desenvolvem quando resolvem adotar. Porém é este estado que auxilia no processo de identificação com o bebê, o qual se caracteriza pela necessidade de ser um estado que se finda.¹²

O preparo para adoção acontece de forma singular, porém a criança que se quer é aquela que chega no momento que atingiram. As pessoas vão se preparando para a ideia da adoção, e a criança que querem é aquela que chega no momento em que atingiram a fase certa. É o equivalente a estar grávida – um estado de sensibilidade”.¹³

Quanto à vincularidade da relação mãe-bebê e suas construções, ressalta-se o ato da amamentação, percebido como fundante nesta construção. A amamentação do bebê adotivo, como por vezes de bebês de gestações biológicas também, poderá ocorrer por meio da mamadeira, a partir da troca afetiva e da disponibilidade desta mãe para tal ação. Winnicott¹³ diz que a alimentação da mãe com seu filho é uma experiência prática de amor entre duas pessoas, favorecendo com isso a integração da mãe com o bebê, do ambiente e de sua relação com a psique e do seu corpo, na constituição do seu ser. O fato de esta mãe adotiva estar inteiramente disponível às necessidades deste bebê promove o desenvolvimento do *holding* e *handling*, permitindo condições para a vinculação mãe-bebê.

Caminhando nesta direção, aparecerá o desmame. Então, se a mãe puder manter um ambiente estável, este favorecerá o desenvolvimento do bebê e de sua segurança em relação ao meio. Vale considerar a conexão da mãe com o bebê para identificar o momento para iniciar tal processo. Este processo é necessário, pois o bebê poderá compreender suas primeiras experiências de desilusão, apreendendo que os movimentos não são necessariamente formados, exclusivamente, por suas vontades e demandas. O bebê então vai percebendo a realidade externa e vai se tornando menos dependente dos objetos, iniciando com isso o estado de “dependência relativa”.¹²

Neste período, o bebê passa a ter algumas percepções de que nem tudo advém dele e o ambiente passa a ser percebido, ou seja, o lactente pode se deparar com a necessidade de cuidados desta mãe, e aos poucos pode relacionar este fato aos seus impulsos pessoais. Então, durante o desenvolvimento emocional e o caminhar pela dependência relativa na adoção, entende-se que sempre existirão os pais que as conceberam e que são inatingíveis e desconhecidos e os pais adotivos reais que não se coadunam com essas experiências primitivas vividas com os genitores. Isso traz alusões futuras quanto à necessidade de conhecer suas origens, o que os leva a procurar veementemente estes pais biológicos ou mesmo dados de sua história quando maiores.¹⁴

Os pais adotivos quando não possuem esta referência primitiva sobre o desenvolvimento da criança podem usufruir de suas sensibilidades, a partir de um *holding* adequado e experienciar contatos muito profundos com essa criança adotada, o que aproxima estes pais deste contato mais íntimo, permitindo o sentimento de segurança, acolhida e pertencimento a esta família.

Considerando o último estágio do processo de amadurecimento, denominado de independência relativa, compreende-se que a criança já está em um estágio de um eu integrado, como pessoa inteira, por meio da integração dos instintos e pelo desenvolvimento da responsabilidade em relação aos seus impulsos. Quando a criança passa por este processo, alcança um estado de saúde psíquica suficiente para vivenciar as dificuldades oriundas da vida instintual, estabelecendo relações triangulares e interpessoais.¹⁵

12

Diante disso, Gomes¹² expõe que quando a mãe adotiva se adapta às necessidades do seu filho ao longo do seu desenvolvimento, a criança não terá grandes dificuldades com sua vida instintiva. Porém, sua relação de confiabilidade no mundo (relacionamentos amorosos, familiares, afetivos) pode ficar comprometida em função de suas experiências de separação da mãe biológica, ou seja, há um sentimento de inconstâncias e instabilidades no lar.

Há uma condição muito similar em relação à maternidade biológica e adotiva, quando se identifica, na gestação biológica, que a mãe pode desenvolver a depressão pós-parto (a qual ocorre logo após o nascimento, devido às alterações hormonais, mudanças ambientais, fim da gravidez e questões afetivas ligadas ao bebê). Também na adoção, pode existir a depressão pós-adoção, em que há alteração hormonal, mas ligadas às expectativas colocadas no filho e ao choque com a realidade e com os desafios diários de cuidar do filho recém-chegado.¹⁶

Levinzon¹⁶ ainda acrescenta a necessidade de considerar o período de adaptação na adoção que dependerá muito de como a criança passou pelo processo de separação de seus genitores, a sua idade, as experiências que foram vividas nesta relação, entre outros elementos. Frente a isso, é comum que as primeiras experiências com a família adotiva sejam acompanhadas por um sentimento de luto, independentemente se foram experiências agradáveis ou não aos olhos da criança.

Para compreender esse aspecto, acrescenta-se a necessidade de os pais viverem o luto da infertilidade, para poder pensar futuramente novas possibilidades, dentre elas, a adoção. “A verificação de uma esterilidade sem remédio provoca uma ferida narcísica que não é fácil de ultrapassar e é acompanhada de alterações do sentimento de identidade, exigindo a renúncia definitiva de um projeto de vida e, portanto, uma modificação do Ideal de Ego.”¹⁷

Morelli, Scorsolini-Comin e Santeiro¹⁸ expõem conceitos significativos sobre a parentalidade, a qual está vinculada ao processo de adaptação dos pais com o filho adotivo. Nesta relação, surgem muitos conteúdos ligados aos processos inconscientes desses pais adotivos, como as fantasias, os lutos e as idealizações para que esse novo integrante possa “nascer” com sua chegada a essa família nova e aos poucos se identifique no ambiente, ampliando o sentimento de pertencimento a esse grupo.

Abordar o assunto sobre a maternidade e a adoção traz em si diversos eixos de pensamento a serem discutidos, pois transita frente à dimensão política, histórica, social, econômica e outras tantas perspectivas. Diante disso, o olhar para a maternagem adotiva e a construção vincular a partir de um estudo de caso é a proposta para as discussões a seguir, visto que o processo de adaptação da mãe com a chegada da filha adotiva expõe as feridas e fraturas psíquicas desta dupla, provocando o enfrentamento necessário para o desenvolvimento afetivo. A ênfase será nos aspectos psíquicos da mãe adotiva a fim de apresentar alguns elementos inconscientes norteadores do seu desenvolvimento, ressaltando os encontros e desencontros deste processo em relação às motivações e perdas que circundam este caminho, as quais compõem o desenvolvimento da função materna.

MÉTODO

Para este trabalho, utilizou-se uma abordagem qualitativa a partir de um estudo de caso que aconteceu por intermédio do procedimento do Desenho-Estória com Tema. Este procedimento refere-se a uma ampliação do procedimento do Desenho-Estória, de Trinca¹⁹. É uma atividade que possibilita uma expressão subjetiva com dimensões projetivas, a partir de um viés psicanalítico, o qual busca acessar o campo inconsciente com uma implicação transferencial para as compreensões.²⁰

Este procedimento foi aplicado seguindo quatro momentos: o desenho (a partir de uma consigna), a estória que o participante conta a respeito do desenho, o título dado à estória e inquérito realizado pela pesquisadora. Assim, foram propostas duas consignas para o Desenho-Estória com Tema: “Uma mãe cuidando de um bebê” e “Você cuidando do bebê que você adotou”. Além deste instrumento, valeu-se também de uma entrevista semiestruturada com uma mãe que estava, no momento do estudo, com uma filha de 2 anos e 4 meses, tendo-a adotado com 6 meses de idade.

Este estudo de caso compõe parte de uma dissertação de mestrado e, a partir de um recorte desta pesquisa, analisou-se um dos casos pesquisados a fim de atender o objetivo proposto para este trabalho.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética sob o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) - 76916617.2.0000.5401 - para a devida aprovação com número do parecer - 2.546.955. Neste sentido, afim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa todos os nomes apresentados neste artigo são fictícios.

Inicialmente será apresentada a história de Estela, em seguida os desenhos realizados, suas histórias e, por fim, as compreensões sobre o caso estudado.

RESULTADOS

O estudo de caso se refere a história de Estela, 34 anos e casada com Junior, 32 anos. A motivação para adoção iniciou na adolescência, quando apareceu o interesse em adotar uma criança com síndrome de Down, pois desejava ter um filho amoroso e ligado a ela. Quando se casou e iniciou as tentativas para engravidar, identificou-se a infertilidade de seu marido. Houve o interesse inicial de buscar tratamento a partir da fertilização in vitro e, por razões financeiras (alto valor do procedimento), optaram pela adoção.

Junior apresentou resistência inicial quanto à adoção, percebida pelo fórum no decorrer do processo, o que provocou inúmeras entrevistas do judiciário para compreender seu real interesse pela paternidade adotiva.

No processo legal, ao preencherem o formulário de perfil de criança, o casal não colocou nenhum critério seletivo, com a tentativa de aproximar à gestação biológica. Depois dessa etapa, realizaram o curso preparatório e, após 6 dias que estavam na fila para adoção, foram comunicados pelo fórum sobre a possibilidade de adoção de uma criança de 6 meses de idade e com microcefalia.

Em um primeiro momento, houve certa apreensão, pois estavam imaginando que levaria um tempo maior para a adoção, além da preocupação com a deficiência, mas decidiram pela adoção. Com a chegada da criança, os pais buscaram o mesmo médico que a havia diagnosticado com microcefalia, o qual se surpreendeu pelo novo diagnóstico de ausência da deficiência.

Estela relatou que a falta de ter sentido os movimentos da gestação foram compensados por sua filha chegar com uma etapa inicial e dificultosa já vencida, como por exemplo, o fato de já poder sentar. Acrescenta ainda que o marido a considera uma pessoa brava e que grita muito, pois não autoriza a filha a fazer tudo o que quer, porém entende que os gritos parecem assustá-la.

Estela diz que a experiência com sua filha adotiva (Gi) a completa, considerando-a *perfeita*. Ressente-se apenas pela não realização do “*chá revelação*” (festividade onde se desvenda o sexo do bebê), o que pôde ser suprido pela festa de aniversário do primeiro ano.

As experiências iniciais de Estela com Gi não foram de vínculo afetivo imediato, “*era um sentimento que eu quero ela pra mim, que eu quero cuidar dela, mas assim... eu me senti mãe a partir mesmo do momento que ela começou a me chamar de mãe, que eu acho que quando ela falou ‘mãe’ foi o primeiro*”. Estela também acrescenta que o período de adaptação não foi fácil, em função das grandes descobertas que fizeram juntas. Relata que foram duas semanas iniciais muito difíceis, sem conseguir dormir. Além da adaptação quanto às privações de prazeres (passeios, festas e liberdade maior para saírem da rotina), precisaram abdicar de muitas outras coisas e viver um período de transformações, tanto psíquicas quanto financeiras.

Gi precisou ficar sob os cuidados de sua avó (sogra de Estela), quando Estela retornou ao trabalho, período que foi turbulento, pois Gi reencontrava sua mãe com muita agressividade e precisava de um tempo para se acalmar. Estela buscava Gi por volta das 18 horas: “*eu ia conversar com ela lá pelas 19 ou 20 horas, você entendeu? Era uma conquista todos os dias, então foi sofrido... até o ano passado, até um mês atrás... mega sofrido ainda, sabe?*”.

A partir desses comportamentos agressivos, Estela optou por mudar seu modo de organizar a rotina. Procurou uma escola para matricular sua filha e contratou uma babá, o que implicou a necessidade de certo afastamento familiar, ou seja, precisou retirar Gi dos cuidados de sua sogra, gerando um desconforto entre o casal e a família do marido. Esta medida foi tomada para que Estela pudesse compor um convívio mais próximo com sua filha.

Ao falar sobre adoção, Estela apresenta a ideia de que a pessoa ou o casal que deseja participar de tal processo não encontrará a criança perfeita, “*limpinha dos olhos azuis, loirinha que está lá linda, educada*”.

esperando você, não existe isso, a realidade do lar é crianças pobres, crianças maltratadas, a maioria adolescentes”.

DESENHOS E ESTÓRIAS DE ESTELA NO PROCEDIMENTO DO D-E COM TEMA



Figura 1. Primeira unidade de produção: “Uma mãe cuidando de um bebê”.

Quadro 1. Estória e título da primeira unidade de produção.

<p>Título: “Ser Mãe”</p> <p>Estória: Então, a história é essa que eu estava até falando de que a proximidade minha, agora que eu consigo... que, como que eu posso dizer, que parece uma bobeirinha, eu vim na hora do almoço vim dá comida pra ela, mas é super importante eu vim dá banho... eu vim fazer! Não pagar pra ninguém fazer, porque a moça que fica de manhã, eu falo que ela fica só pra conversar com a Gi e só pra brincar com ela... porque EU quero dar banho, EU quero dar comida, eu quero conversar assim né... na hora da comida, na hora do banho e... assim, até a gente chegar na escola a gente vai conversando, a gente vai brincando, entendeu? Até chegar lá e assim... é... chega até dar dó de deixar, você quer trazer né, porque... é muito diferente do que como a gente estava fazendo... de ir cedo. O Junior ia cedo, deixava ela lá na minha sogra... ela ficava com a Gi e aí voltava, o Junior voltava do serviço e pegava ela lá. É, o dia inteiro, e assim, eu ia na hora do almoço, mas assim, quando chegava lá, a Gi não vinha de jeito nenhum, de jeito nenhum, a Gi assim... de longe ela já falava que não queria, que ela não queria por perto né, ela já ia no colo de todo mundo menos do meu e... até nos finais de semana eu comecei até a cortar de ir lá porque eu não estava conseguindo pegar ela no colo, o Junior ficava bravo comigo, falava assim “você tem que pegar ela” eu falei assim “pra ela vim chorando” porque eles também não me ajudavam, entendeu? Nessa parte, então... foi dolorido, mas teve que ter essa quebra também, foi muito necessário... é... difícil mesmo, porque teve que ter uma quebra na família, por causa disso, porque... assim ... minha sogra não aceitou, ela não aceita que a Gi fica com outra pessoa aqui, que a Gi vai pra escola, que ela fala que a Gi tinha que ir pra escola, mas... foi necessário e pra mim está sendo ótimo, ótimo mesmo. Melhorou muito, muito, muito... a Gi me respeita, me vê como mãe agora, sabe? Qualquer coisa que acontece ela corre pra mim. Eu sou o porto seguro dela, né? E ela não vinha correndo pra mim de qualquer coisa que acontecia... e isso... eu falava assim “Nossa, eu lutei tanto pra ter um filho... e isso está me fazendo mal desse jeito!” e agora, agora que está bom. (Você poderia colocar um título para sua estória?). Um título... pode ser... um amadurecimento... “ser mãe”... porque... é agora que eu estou vivendo como mãe... eu acho que é isso, “ser mãe!”.</p>



Figura 2. Segunda unidade de produção: “Você cuidando do seu bebê que adotou”.

Quadro 2. Estória e título da segunda unidade de produção.

<p>Título: “Realidade de ser mãe”</p> <p>Estória:</p> <p><i>Como pra toda mãe eu creio, eu acho... o que eu vejo hoje... é... uma mãe fala assim, quando o bebê está sendo gerado dentro da barriga... ela já vem tendo aquela experiência, ela já vai sentindo, porque é uma transformação, eu falo que... homem se torna pai sim... mas não com essa quebra assim igual de mãe, entendeu? Porque assim, a mãe vai se transformando, vai... né? Ela vai sentindo o bebê... tem toda essa transformação... com tudo isso ainda muitas delas tem depressão pós-parto ou alguma coisa assim né... e a Gi, no meu caso... a Gi... ela apareceu muito rápido... por tudo que a gente ouviu falar, a gente ficou muito pouco tempo na fila... e aí... a Gi apareceu, mas assim... todo esse tempo que a gente fez curso... a gente fez... teve muito acompanhamento psicológico... tudo isso... mas, isso tudo ainda não é o suficiente... não substitui uma gestação... entendeu? Então na hora que a Gi chegou foi ... porque assim ... eu virei mãe do dia pra noite... a Gi chegou a gente já começou a fazer as visitas, a aproximação e foi muito rápido e a Gi já veio... já veio e... eu lembro que a primeira vez que a gente foi buscar ela pra dormir... o Junior tinha uma reunião na igreja e ele foi no lar, me buscou e deixou eu aqui... sentada... me trouxe eu coloquei ela assim, eu olhei pra ela e falei assim, mas o que eu vou fazer pra ela de comida? Sabe?... perdida, perdida... e foi uma noite que ela não dormiu, porque ela estranhou tudo... com razão... ela é muito apegada com o Junior... e aí dormiu a noite inteira assim em cima dele, o pouco que ela dormiu ela dormiu em cima dele, mas ela acordou muito e aí... eu não dormi nada a noite, no outro dia de manhã eu já estava com ela no colo assim, e aí... preparando mamadeira, já pensando no almoço, o que eu ia fazer no almoço e já pensando na mamadeira da tarde... e já pensando como fazer ela dormir de tarde e se dormir um pouquinho você já está lá em cima e pensando na janta... e... na hora que eu fui pensar em mim, já era 11 horas da noite, eu estava com roupa de dormir desde cedo que eu não tinha tirado... e assim... essa quebra foi muito brusca, porque na hora que eu entrei, que foi 11 horas da noite pra tomar um banho, debaixo do chuveiro eu começava a chorar e falava assim: “como que eu vou falar, que eu vou devolver ela?” porque... era esse meu pensamento, porque eu não vou dar conta... porque é uma transformação muito brusca, não que você não vai superar, porque depois você supera... mas assim você fala... “gente, é um ser que depende de mim pra tudo!” Pra trocar, se chorar tá com uma dor... e a Gi assim... foi uma mudança muito brusca... e aí... eu comecei a entender mais ou menos... mais ou menos né... a depressão pós-parto... assim, porque... você fica “meu Deus e agora, como que eu vou fazer?” porque... você adotar e falar que vai adotar, é uma coisa ... na hora... porque assim, você tem todos os acompanhamentos psicológicos, todas as ... teorias, eu não tenho muita teoria não de... como que a criança vai chegar, mas eu acho que isso é o normal da vida, porque as mulheres não tem isso, entendeu? Você aprende isso na raça... mas... foi muito difícil, muito difícil e aí... como ela era bem pequenininha e já com uma urgência tão grande de mãe... então... aí foi mais difícil ainda, mas ... quando a gente vai superando... a gente vai tendo paciência... aí eu... essa fase do cuidado que eu coloquei aqui... eu cuidando dela, foi um aprendizado a cada dia, cada momento... porque é tudo muito difícil, e tudo muito complexo...(Qual o título que você colocaria para esta estória?) ... a realidade de ser mãe... porque assim, a gente pensa uma coisa, e quando vê é outra.</i></p>
--

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A experiência materna de Estela perpassou por temores em relação aos cuidados maternos e ambivalências de sentimentos, ou seja, seus medos, desejos, ódio, amor, insegurança, etc. Essas experiências foram vividas na relação com sua filha, o que a fez encontrar-se com as perdas oriundas do processo adotivo, como: infertilidade, gestação biológica, filha idealizada (com síndrome de Down), "chá de bebê", entre outros.

Quando Gi chega em sua nova casa e Estela vive a "realidade de ser mãe" inicia-se a desconfiguração de parte do ideal construído nesse processo de filiação. Esta chegada de Gi concretiza a experiência da adoção e convida Estela a olhar o luto pela infertilidade. Estela faz uma renúncia da sua fertilidade em prol da infertilidade do marido e essa experiência de luto da fertilidade apareceu de forma ampliada com a chegada de Gi, pois emergiram as suas dificuldades com o cuidado, como por exemplo o sentimento de desejo de devolução da filha, dúvidas quanto à construção vincular sem a gestação, além dos momentos iniciais de desespero diante dos cuidados físicos com sua bebê.

O segundo desenho possibilitou compreender que Estela e Gi se embalaram em seus sentimentos de desamparo. Gi buscou um colo capaz de suportar seu sentimento de abandono e seus medos ligados a ele, ao mesmo tempo em que Estela buscou o amparo de uma filha amorosa como a idealizada na adolescência (*síndrome de Down*), precisando desconstruir essa relação com Gi.

Gi nasce para Estela a partir de um "parto prematuro", chegando antes do esperado, tendo esta mãe que antecipar o processo de entrada do terceiro em sua relação com o marido e renunciar algumas rotinas do casal sem filhos. Do ponto de vista emocional, houve uma abreviação da gestação psíquica, o que trouxe pouco tempo para lidar com as vicissitudes dos lutos necessários, incluindo o luto pela fertilidade. Neste sentido, é importante considerar um tempo de "gestação" deste(a) filho(a) adotivo(a), pois se este tempo for curto demais, não permite o desenvolvimento de condições necessárias para o recebimento desta criança e, se for longo demais, excede o tempo de desejo do casal em relação ao filho(a).

Estela cita a depressão pós-adoção, fazendo referência à depressão pós-parto, momento que viveu após a chegada de Gi, reconhecendo seu adoecimento emocional e suas dificuldades no *holding*, *handling* e apresentação de objeto, ou seja, dificultando sua condição de mãe suficientemente boa.

Com o desenvolvimento e amadurecimento emocional de Estela, o espaço psíquico desta mãe foi se ampliando, construindo aos poucos uma relação com sua filha. Percebeu-se que, além das elaborações de vários lutos, as adaptações que são feitas com a chegada de um bebê começaram a ser incluídas na vida de Estela, como a reorganização da rotina familiar, além da rotina de trabalho, escola, alimentação, etc. Esse novo olhar de Estela para as necessidades da filha, um olhar mais vivo, possibilitou uma aproximação maior do *holding*, do *handling* e da apresentação do mundo, o que favoreceu o desenvolvimento do vínculo afetivo.

O alcance da preocupação materna primária começa a ser vivida por Estela quando esta mãe se identifica com a filha e se mistura parcialmente, emprestando seu *self* para compor este "outro" em condições de amadurecimento. A respeito desta composição psíquica, ou melhor, deste desenvolvimento psíquico, o vínculo mãe e filha passa a conseguir espaço para se construir.

O experienciar materno na adoção implica em um processo de desenvolvimento emocional ligado também aos trâmites forenses, ou seja, o tempo de espera relativo ao processo de adoção apresenta-se como um papel importante na gestação psíquica do filho adotivo.

No caso Estela, percebeu-se que o tempo de espera em fila de adoção, o qual é considerado geralmente longo nos demais processos, foi encurtado e o gestar emocional desta mãe passou por uma falta, o que dificultou o sonhar e fantasiar desse bebê que iria chegar e estaria em gestação psíquica.

As mudanças na rotina de Estela e a aproximação das rotinas da filha iniciaram após 2 anos da adoção. Em geral, a chegada de um bebê exige um período de adaptação da dupla mãe-bebê. Neste caso em questão, os fatores psíquicos maternos juntamente com as demandas emocionais do bebê provocaram enfrentamentos e questionamentos significativos em relação ao fortalecimento de vínculos. Para tanto, foi necessário reafirmar o desejo pela filha para que esta mãe proporcionasse para Gi o espaço para testar o ambiente, questionar sua segurança e garantir que não haveria devolução.

Portanto, no processo de adoção, entende-se a importância da elaboração do luto e da compreensão da experiência de adaptação no encontro mãe-bebê, como pode ser visto no estudo de caso apresentado. Isso tudo poderá favorecer o pensar e o refletir das práticas jurídicas sobre o preparo e desenvolvimento dos pretendentes à adoção, como também auxiliar na compreensão dos pais adotivos a reconhecer e vivenciar esse desenvolvimento de uma maternagem mais originária, humana, real. Isso tudo pode contribuir para o acontecer da preocupação materna primária e das relações de cuidado entre mãe e bebê.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

REFERÊNCIAS

1. Felice EM. Vivências da maternidade e suas consequências para o desenvolvimento psicológico do filho. São Paulo: Vetor; 2006.
2. Gradwohl, SMO, Osis, MJD, Makuch, MY. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. Pensando famílias. 2014; 18(1): 55-62. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006
3. Levinzon GK. Tornando-se pais: a adoção em todos os seus passos. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2015.
4. Rotenberg EB. A transmissão inconsciente da mãe adotante ao filho adotivo. In: Levinzon G K, Lisondo, A D (Orgs.). Adoção: desafios da contemporaneidade. São Paulo: Blucher, 2018. p. 87-98.
5. Stelin RMR, Monteiro CFA, Albuquerque RA, Marques CMXC. Processos de construção de maternagem. Feminilidade e maternagem: recursos psíquicos para o exercício da maternagem em suas singularidades. Estilos da Clínica. 2011; 16(1): 170-185. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100010.
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v16i1p170-185>
6. Winnicott DW. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre : Artes Médicas; 1983.
7. Winnicott DW. Preocupação Materna Primária. In: Winnicott DW. Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 1956. p. 399-405.
8. Marson AP. Narcisismo Materno: quando meu bebê não vai para casa...Revista da SBPH. 2008; 11(1): 161-169.
9. Newman A. As Ideias de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago; 2003.
10. Winnicott DW. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: Winnicott DW, A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes, 1965. p. 21 – 28.
11. Medeiros C, Aiello-Vaisberg TMJ. Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. Psicologia Clínica. 2014; 26(2): 49-62. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) <https://doi.org/10.1590/S0103-56652014000200004>

12. Gomes K. A adoção à luz da teoria winnicottiana. Winnicott e-prints. 2006; 1(2): 1-18. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000200005&lng=pt&tIng=pt
13. Winnicott DW. A adolescência das crianças adotadas. In: Shepherd R, Johns J, Robinson HT, Winnicott DW. Pensando sobre crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1955. p. 131-140.
14. Winnicott DW. Duas Crianças adotadas. In: Shepherd R, Johns J, Robinson HT, Winnicott DW. Pensando sobre crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1953. p. 115-130.
15. Dias EO. A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. São Paulo: DWW Editorial; 2014.
16. Levinzon G K. A curiosidade na adoção: terreno pantanoso ou saúde psíquica? **Desidades**. Rio de Janeiro; 2015: 10-20. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822015000200002&lng=pt&tIng=pt.
17. Levinzon G K. A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica. São Paulo: Escuta; 2009.
18. Morelli AB, Scorsolini-Comin F, Santeiro TV. O "lugar" do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. *Psicologia Clínica*. 2015; 27(1): 175-194. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652015000100010
<https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100010>
19. Trinca W. (Org.) Procedimento de Desenhos-Estórias: Formas derivadas, desenvolvimentos e expansões. São Paulo: Vetor; 2013.
20. Aiello-Vaisberg TMJ. Investigação das representações sociais. In: Trinca W (Org). Formas de investigação clínica em Psicologia: procedimentos de desenho-estórias. São Paulo, Vetor: 1997.

RESUMOS DE PESQUISA

A MORTE E O MORRER NO HOSPITAL: A RELAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR ENTRE A TÉCNICA E A HUMANIZAÇÃO.....	1579
ASSOCIAÇÕES ENTRE AUTOEFICÁCIA DOCENTE E ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE PROFESSORES DE INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	1580
FRANÇOISE DOLTO E A ESCUTA DO INFANTIL	1581
JOGOS ELETRÔNICOS E MORALIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	1582
MUNDO E VIDA TRANSEXUAL: VIVÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO	1583
NOVOS CONTEXTOS PRODUTORES DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM O AVANÇO DA INTERNET	1584
O DIAGNÓSTICO DO DESENVOLVIMENTO EM VIGOTSKI: CONTRIBUIÇÕES À ATUAÇÃO CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL	1585
PSICANÁLISE E FIBROMIALGIA: REFLEXÕES SOBRE O TRATAMENTO DA DOR.....	1586
UMA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE: A TÉCNICA DA RELAÇÃO E DO CUIDADO HUMANO	1587
VIDA, MORTE E ENVELHECIMENTO: OS LUTOS DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	1588
VIVÊNCIAS DE PESSOAS INFECTADAS PELO HIV/AIDS SOB TRATAMENTO COM ANTIRRETROVIRAL: UMA ABORDAGEM COMPREENSIVA	1589

A MORTE E O MORRER NO HOSPITAL: A RELAÇÃO DO PSICÓLOGO HOSPITALAR ENTRE A TÉCNICA
E A HUMANIZAÇÃO.

DAIANE CRISTINE MENDES PARDO
SANDRO RODRIGUES GONTIJO

O psicólogo hospitalar está sujeito à morte de pacientes. A fenomenologia hermenêutica possibilita apreender como se dão as vivências sobre a finitude nos relatos destes profissionais. Nosso objetivo foi compreender a experiência de psicólogos hospitalares frente aos fenômenos de morte e morrer - relações de "Cuidado" -, experimentadas no ambiente hospitalar. Evidenciamos os sentidos da finitude que perpassam o profissional em situações de iminência ou mortes efetivas. Para obter acesso às experiências, realizamos entrevistas fenomenológicas com cinco psicólogos, a partir das questões disparadoras: Como é para você cuidar de pacientes terminais? Como você pensa a relação entre cuidado, morte e hospital? CAAE 27114719.0.0000.5515 Como resultado de pesquisa, foi possível perceber a compreensão sobre a morte na perspectiva institucional, sobre a perspectiva dos psicólogos e as possibilidades de singularização de cada profissional envolvido no processo de morte de um paciente. Através das entrevistas e de relatos de experiência, foi percebido a relação institucional e setorial vivenciadas pelos psicólogos, bem como a relação de cuidado que se estabelece entre o profissional e o paciente, frente a uma demanda hospitalcentrica, a saída é buscar a singularização do sujeito que morre, bem como daquele que o assiste, ou seja, do próprio profissional de psicologia. O psicólogo se coloca, portanto, em uma borda entre as exigências técnicas e solicitações de cada ser em seu processo de finitude, evidenciando a cena hospitalar para além de um ambiente técnico de saúde, mas em alguns casos se torna um ambiente de vida de maneira autêntica, sendo parte desta vida, a morte. Compreende-se a partir disto o movimento pendular entre dever ser e poder ser - modos de "Cuidado" -, a reprodução da técnica hospitalar geradora de sofrimento, mas também de "Angústia", que por sua vez revela o ser autêntico, dos profissionais, diante da finitude, gerando uma atuação humanizadora frente as medidas tecnicistas. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Financiamento próprio. Protocolo CAAE: 27114719.0.0000.5515

ASSOCIAÇÕES ENTRE AUTOEFICÁCIA DOCENTE E ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE PROFESSORES DE
INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

RODRIGO APARECIDO ENGEL
CAMÉLIA SANTINA MURGO

A autoeficácia docente é entendida como a autopercepção do professor de ser capaz e hábil de escolher e manejar estratégias adequadas para alcançar seus objetivos em um contexto acadêmico. Essa crença tem a capacidade de influenciar os padrões de reações emocionais e de pensamentos, o comportamento antecipatório e as restrições ao próprio desempenho dos docentes, sendo importante correlacionamos esse conceito aos docentes e as práticas das instituições de ensino especializadas que atendem pessoas com deficiência intelectual ou transtornos associados. Foram objetivos dessa pesquisa, investigar associações entre as crenças de autoeficácia docente e o uso de estratégias de ensino de professores de instituições de ensino especializado, participaram da pesquisa, 07 docentes, de uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, de ambos os sexos, de uma cidade do interior paulista. Foram utilizadas as Escalas de Autoeficácia de Professores (EAP) e de Fontes de autoeficácia docente (EFAED), bem como entrevista semiestruturada individual, após a coleta dos dados foi realizada intervenção em grupo, sendo 05 encontros, de periodicidade semanal, com a duração de 2 horas cada. CAAE 03825318.1.0000.5515 Obteve-se no pós-intervenção aumento em todos os scores, registrando no nível geral de autoeficácia docente de (M=4,25) para (M=4,34); para as fontes, as médias foram, experiência vicária de (M=4,57) para (M=4,95); experiência direta de (M=4,67) para (M=5,05); persuasão social de (M=4,71) para (M=5,57); e estados fisiológicos ou afetivos de (M=3,26) para (M=4,57). Em relação as práticas docentes, todos os participantes afirmaram estar motivados além de estarem buscando novas práticas para serem utilizadas com seus alunos. Durante os encontros também houve relatos de melhoras no ambiente de trabalho e remissão de sintomas psicofísicos relacionados ao estresse. A intervenção proposta foi capaz de promover o fortalecimento da crença de autoeficácia docente com impacto efetivo na práxis pedagógica e no uso de estratégias assertivas para o enfrentamento das adversidades. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES Protocolo CAAE: 03825318.1.0000.5515

FRANÇOISE DOLTO E A ESCUTA DO INFANTIL

GABRIELA SILVA BIAZON
JOANA SANCHES JUSTO

O tratamento analítico com crianças se torna uma interrogação quando se pensa sobre a Psicanálise e a prática clínica. O presente artigo pretendeu investigar como Françoise Dolto, uma psicanalista francesa, relatava a análise infantil, uma vez que é um conteúdo escasso e é pouco retratado e publicado. Fazer a análise deste tema foi para compreender como o tratamento psicanalítico com as crianças se fundamenta a partir do método proposto pela autora. Compreender os pressupostos básicos do método de análise com crianças proposto por Dolto, verificar de que forma ela propõe a utilização de recursos no trabalho e evidenciar a participação dos pais na análise de seus filhos. Foi elaborada a investigação e explicação detalhada sobre o que Dolto, Maria Cristina Machado Kupfer e Miguel Ribeiro Vallim, escreveram sobre o método proposto por Dolto e elaborado um paralelo entre as perspectivas dos autores. Dolto compreendeu a importância de dizer a verdade à criança, valorizava o desejo singular da criança, fazia uso das palavras que as crianças traziam quando efetuavam os comentários, porque dessa forma ela conseguia entender o pensamento da criança, proporcionando assim, distinguir a imagem simbólica corporal, as castrações simboligênicas que foram ajustadas, qual percepção do narcisismo a criança possuía, entre outras. É importante que o psicanalista leve em consideração a dimensão temporal do amadurecimento da criança no que diz respeito à castração para que a escuta da criança seja possível. Dolto escutava os gestos, comportamentos, modos de se relacionar, do que era dito e do não dito das crianças. Uma escuta que deveria ser acompanhada de um observar e uma atenção em tudo o que a criança fazia. Dolto entendia que as crianças são seres que compreendem mais coisas do que os pais acham que elas entendem, e que elas são extremamente capazes de comunicar o que pensam, sentem, inclusive de comunicar conteúdos inconscientes. Com esta pesquisa foi possível concluir que a psicanálise com crianças é possível. É necessário que o analista reconheça a criança como sujeito capaz de entender, expressar, compartilhar dos mesmos afetos dos adultos. Assim, a linguagem utilizada é a mesma linguagem da criança para não ferir a inteligência dela. As crianças também são capazes de associar livremente, mas elas o fazem por meio do brincar, desenhar e conversar. Entendemos, ao finalizarmos a pesquisa, que uma análise com crianças é possível.

JOGOS ELETRÔNICOS E MORALIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VITOR DE MORAIS ALVES EVANGELISTA
RITA MELISSA LEPRE

A era do software e da individualidade propõe a superação de barreiras geográficas e temporais propiciando novas formas de socialização. Os jogos eletrônicos emergem como catarse da sociedade pós-moderna tendo como características principais a fuga, liberdade e satisfação dos desejos tidos como impossíveis na realidade. A presente pesquisa tem por objetivo proporcionar uma reflexão sobre os aspectos morais presentes nos jogos eletrônicos na contemporaneidade. Para cumprir com os objetivos, a presente pesquisa apresentou duas etapas: a primeira refere-se a uma abordagem netnográfica das comunidades virtuais e fóruns online de jogos eletrônicos; a segunda etapa consistiu em entrevista presencial com jogadores baseada na entrevista clínica piagetiana, com uma conversa aberta com o sujeito, na qual se procura seguir suas ideias e explicações sobre um determinado tema onde a riqueza de situações que podem ser incluídas nas entrevistas CAAE 48627715.6.0000.5401 Os resultados indicaram que a função dos jogos alcançou outro patamar, pois transpassa as suas meras características de entretenimento e diversão e passa a ser visto pelos sujeitos como uma maneira de escapar da vida real, ser quem ou o que quiser, podendo criar a vida almejada e dar vazão aos desejos e devires dos jogadores. Dentre as características do jogo que mais agrada aos jogadores está a propriedade de vencer. Para eles, o jogo proporcionaria o sentimento de empoderamento, sendo passíveis de superar qualquer desafio ou resolver qualquer problema dentro do ambiente virtual. A emoção e até mesmo a possibilidade de interação social, no caso dos games online foram destaques. A análise dos dados permite apontar que os jogadores tendem a transferir várias de suas convicções, insatisfações, preconceitos e valores do mundo real aos jogos. Em um mundo de possibilidades, as resoluções de conflitos morais apresentadas nos jogos, refletem elementos norteadores moralmente reais do jogador. Contudo, há poucas sanções ou punições para os comportamentos virtuais ditos como imorais. Os jogos são paraísos virtuais e a possibilidade de satisfação dos desejos é algo irresistível e inevitável ao jogador. Órgão de fomento financiador da pesquisa: FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo Protocolo CAAE: 48627715.6.0000.5401

MUNDO E VIDA TRANSEXUAL: VIVÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO

ANDREZA PAOLA MORAIS DOS SANTOS
SANDRO RODRIGUES GONTIJO

A palavra trans advém do latim, significa "além de", uma pessoa transgênero está além de seu gênero, não se identificando com o gênero que foi determinado por seu órgão genital. Consideramos que a fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), bem como a literatura crítica sobre o autor, constituiu-se como teoria e método apropriados para compreender a vivência de uma pessoa trans em sua relação como o mercado de trabalho. Assim, o modo que uma pessoa trans vivencia o corpo que ela é, diz respeito necessariamente não apenas a um modo performativo, mas um modo de ser no mundo, atravessado por sentidos, interpretações e historicidade. Esta pesquisa visou a descrição da vivência de um participante a partir do relato do mesmo, reconstruindo o campo de significações e sentidos. A entrevista deu-se de forma remota, via google meet. Na entrevista foram utilizadas as questões norteadoras: "Fale das suas vivências em relação ao processo de construção da sua transgeneridade ao longo de sua vida"; "Como era a vida de trabalho antes da transição"; "Como você foi recebida(o) pelo mercado de trabalho, sendo uma pessoa transgênero". CAAE 31296420.8.0000.5515 O entrevistado a partir de sua trajetória construiu seu mundo próprio, ou seja, o mundo enquanto a totalidade de sentido, expressando suas singularidades possíveis em consequência de uma trajetória criadora e transformadora da vivência trans, enfrentando os padrões normativos que insistem em se fixar em seus corpos, sensibilidades e pensamentos. As pessoas trans buscam mudar a direção de suas vidas modificando os significados sociais atribuídos ao seu grupo, buscam romper com determinadas situações a partir de seus esforços. Criando novas relações e buscando diferentes espaços, o corpo Transgênero é um nó de significações viventes e aberto a novas compreensões e novos estilos. No mercado de trabalho, modo de ser-no-mundo de pessoas trans têm sua trajetória atravessada por significados de uma cultura excludente e preconceituosa, os modos de interação e de significação do corpo trans são delimitados pela lógica heteronormativa. Em entrevistas de emprego, mesmo que qualificadas, não são admitidas, tendo a existência negada. Neste trabalho surge o convite à profissionais da psicologia repensarem termos, significados e métodos utilizados por tanto tempo. A transgeneridade nos incita atualização e reflexão em nossa prática, uma vez que a transgeneridade no Brasil é atravessada por inúmeras formas de violência. Protocolo CAAE: 31296420.8.0000.5515

NOVOS CONTEXTOS PRODUTORES DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM
O AVANÇO DA INTERNET

RAFAELA DANIELA APARECIDA PINTO
RENATA MARIA COIMBRA

O presente estudo, encontra-se em fase de desenvolvimento. A Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (ESCA) é um fenômeno reconhecido internacionalmente, caracterizado pela mercantilização de corpos infantis e juvenis, para obtenção de prazer sexual. As modalidades de exploração sexual são: prostituição, exploração sexual no contexto do turismo, produção e divulgação de imagens obscenas de crianças e adolescentes e tráfico para fins sexuais e comerciais. Com o avanço das Tecnologias de Informações e Comunicações (TIC), constatamos novas alterações em meios de circulação, facilitando a prática dos exploradores, os aliciadores e usuários/clientes. A pesquisa tem como objetivo problematizar os atuais contextos produtores da ESCA com o avanço da tecnologia, buscando identificar as suas novas dinâmicas, configurações e fatores que favorecem sua manutenção e proliferação. Está sendo realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir do levantamento de produções, publicados entre 2011 a 2019. A ESCA não é um fenômeno novo e com a era digital, outros contextos de proliferação estão surgindo, expandindo radicalmente o número de sujeitos que utilizam da internet para práticas sexuais, e concomitantemente o número de crianças e adolescentes vitimizados. O ambiente digital trouxe um anonimato na identidade dos exploradores, trazendo a possibilidade de acesso a variados conteúdos sexuais, sem sair de casa. Os primeiros estudos acerca do tema estudavam os pedófilos, porém, salientamos que o assédio online, conhecido como Grooming vem ganhando mais visibilidade com a tecnologia e infelizmente ainda não há uma análise jurídica dos comentários e comportamentos constrangedores, o que nos impulsiona a uma análise especial, principalmente pensando em políticas protetivas e preventivas na era digital. As leituras preliminares dos materiais indicam que a criação de novas tecnologias, aplicativos, a internet, na figura de seus provedores, bem como os criadores das mídias sociais, estão se constituindo como co-responsáveis na produção das violações de direitos de crianças e adolescentes no âmbito da exploração sexual, pois favorecem e facilitam o acesso dos violadores aos vitimizados. Ressalta-se que a identificação dos atuais contextos produtores da ESCA possibilitam pensar em estratégias de enfrentamento pela própria internet, seus provedores, criadores de aplicativos, que devem se tornar aliados neste combate, e não o contrário, da forma como observado. Órgão de fomento financiador da pesquisa: FAPESP

O DIAGNÓSTICO DO DESENVOLVIMENTO EM VIGOTSKI: CONTRIBUIÇÕES À ATUAÇÃO CLÍNICA HISTÓRICO-CULTURAL

MARIA LAURA LOPES BERTASSO
RICARDO ELEUTÉRIO DOS ANJOS

Este trabalho de iniciação científica propõe uma pesquisa teórico-conceitual que contribua para a edificação dos fundamentos filosóficos e psicológicos da atuação clínica do psicólogo orientado pelos pressupostos da psicologia histórico-cultural, notadamente a partir do conceito de diagnóstico clínico e do desenvolvimento. O objetivo geral desta pesquisa foi identificar e caracterizar o conceito de psicodiagnóstico clínico em Vigotski e analisar sua contribuição à atuação clínica na psicologia histórico-cultural. A partir de uma pesquisa teórico-conceitual, a análise dos dados embasou-se na seguinte estrutura: Revisão bibliográfica: onde foi delineado o problema de pesquisa, permitindo que os pesquisadores se apropriassem dos conhecimentos necessários à compreensão aprofundada do tema; Coleta de dados: onde foi realizada uma leitura analítica das obras elencadas para a coleta de dados; Análise e interpretação dos dados: onde foi realizada uma discussão dos dados obtidos na coleta de dados e; Redação final: caracterizado pela elaboração do relatório final da pesquisa. O diagnóstico deve considerar sete momentos: análise das queixas dos pais; história do desenvolvimento; aplicação de testes e observações; investigação das etapas do desenvolvimento humano; descobrimento da causa dos sintomas; prognóstico e prescrição de acompanhamento com profissionais necessários para o desenvolvimento da criança. A partir da análise realizada nas bases de dados pode-se constatar que não houve, no período de 2008 a 2018, nenhum trabalho publicado sobre o assunto. Ao que parece, a não publicação sobre o tema atinente à atuação clínica a partir da psicologia histórico-cultural e, especificamente, ao processo de psicodiagnóstico, é reforçada pelas críticas de alguns pesquisadores da própria teoria que afirmam que tal prática não seria possível pelo fato de se trabalhar com o indivíduo separadamente da sociedade que o influencia. No entanto, a partir dos estudos sobre a concepção de ser humano em Vigotski, esta pesquisa evidenciou que o indivíduo não é apenas um produto das relações sociais, mas ele mesmo é um agente de modificação social. Conclui-se que a produção de um psicodiagnóstico a partir da psicologia histórico-cultural deve implicar, indispensavelmente, o conhecimento e a aplicação dos seguintes conceitos: Periodização do Desenvolvimento Psíquico, Lei Genética Geral do Desenvolvimento Social e Zona de Desenvolvimento Iminente.

PSICANÁLISE E FIBROMIALGIA: REFLEXÕES SOBRE O TRATAMENTO DA DOR

FERNANDA SCANAPIECO PRADO MELLO
JOANA SANCHES JUSTO

Tratou-se de pesquisa sobre a fibromialgia, como uma das formas de representar a dor e o sofrer na contemporaneidade. Existe uma alta demanda por atendimentos em que a queixa principal é a dor crônica, e que em sua grande maioria não são solucionadas. Além disso, há uma escassez de publicações relacionadas à psicanálise e fibromialgia disponíveis atualmente. Por ambos motivos são necessários estudos mais profundos sobre o assunto. Algumas dúvidas sobre demonstrações dolorosas que afetam o corpo têm sido fonte de discussões não apenas no âmbito médico, mas em diferentes campos da saúde, justamente pela dificuldade em diagnosticar e tratar o sujeito que sofre de uma dor que não apresenta um indício orgânico. Torna-se então uma importante condição, mais de um olhar sobre a dor, pois é preciso entender não só o corpo, mas o psíquico também. Em decorrência da abrangência do quadro clínico e da incoerência sobre a razão e causas dessa dor, o presente estudo teve por objetivo compreender a fibromialgia tendo como escopo a escuta e o tratamento da dor. Entender as duas visões, psicanalítica e biomédica em como interpretam a dor, o psíquico e o somático, assim como discutir e elaborar uma reflexão crítica na direção do tratamento. Pesquisa bibliográfica, qualitativa, que retomou alguns conceitos freudianos relacionados ao tratamento da dor e do sintoma. Utilizado como referência as obras de Sigmund Freud, Jacques Lacan, artigos da psicanálise e medicina contemporânea, foi pesquisado fundamentos para análise da fibromialgia sob as duas perspectivas. A medicina, diante das queixas de dores corporais sem causas orgânicas, trata os sintomas visíveis da fibromialgia, a dor no corpo. A psicanálise que é centrada no campo da fala e da linguagem dá um tratamento à dor pela via da palavra, abrindo espaço para novos arranjos e sentidos desse sintoma nomeado fibromialgia. Para contribuir para uma melhor condição na vida do paciente, os dois campos, medicina e psicanálise podem favorecer para tal objetivo. O paciente deve comparecer aos dois lados e deve haver respeito entre as duas linhas, pois quem se beneficiará é o paciente. Poderia ser então proposto uma clínica multidisciplinar, onde psicólogos de abordagem psicanalítica, médicos, fisioterapeutas podem finalmente ter um melhor resultado no tratamento à dor. Apenas a medicalização seria insuficiente, pois se deve visar a recuperação do lugar do sujeito perante sua dor, através da escuta, assim é para psicanálise. Órgão de fomento financiador da pesquisa: PROBIC

UMA CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE: A TÉCNICA DA RELAÇÃO
E DO CUIDADO HUMANO

MATEUS AUGUSTO FELIX COSTA

Na contemporaneidade se organizam outras formas de existir, de se subjetivar e de se expressar, estando o nosso tempo, particularmente, atravessado pela internet e pelos aparelhos tecnológicos, ainda mais em tempos de pandemia e a necessidade premente de isolamento social. A tecnologia tornou-se algo quase imprescindível em nossas vidas, e isso, inevitavelmente, adentra ao setting analítico, seja com adultos ou crianças. Assim, este estudo propôs-se a conhecer as atualizações técnicas na clínica psicanalítica com crianças ao longo das últimas décadas, especialmente as decorrentes da influência da tecnologia, a partir da experiência de psicanalistas atuantes. Como metodologia, utilizou-se a historiografia da psicanálise no campo da Abordagem Contextual, que busca integrar a análise de fatos históricos da psicanálise à aspectos do contextos social e científico do período averiguado. Logo, foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com 5 psicanalistas de crianças que atuam há 10 anos ou mais. As quais foram gravadas, transcritas e analisadas, com aprovação prévia do Comitê de Ética em Pesquisa da Unesp de Assis. - Tem consolidado as últimas fronteiras epistêmicas ao abarcar, mais comumente, quadros de estados primitivos de mente e acompanhamento paralelo com pais de pacientes, o que corrobora a passagem de uma técnica de interpretação do simbólico para uma técnica de manejo da relação. - Paralelamente, têm buscado alternativas para ler psicanaliticamente e significar seus desafios atuais, diante da utilização de aparelhos tecnológicos, e afins, pelas crianças dentro do setting analítico como forma de isolamento num brincar/relacionar consigo mesmo, o que tem exigido outros manejos. Segundo nossas entrevistadas, o trabalho analítico tradicional, centrado na clínica das neuroses e na interpretação do simbólico, não é mais a técnica predominante na clínica. Cada vez mais, os estados em que o simbólico encontra-se prejudicado se fazem presentes, e nestes a técnica se modula em direção ao manejo de setting e da relação, à construção de encadeamentos e à possibilidade de apropriação subjetiva da experiência ao psiquismo, mais do que tornar consciente o inconsciente. A técnica atual ampliou suas possibilidades de intervenção e exige mais capacitação dos analistas. A técnica ampliada continua a expandir-se ante as novas formas de subjetivação, cabe ao analista atual continuar a buscar significar teórico e tecnicamente aquilo de novo com que se depara no setting. Protocolo CAAE: 04355018.6.0000.5401

VIDA, MORTE E ENVELHECIMENTO: OS LUTOS DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

ALINE SABBADINI
MARIELE RODRIGUES CORREA

Devido ao fenômeno do envelhecimento populacional e a incerteza da existência de cuidadores para essa população nota-se um aumento na procura de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), popularmente conhecidas como asilos. Esse trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado e teve como objetivo analisar as experiências de perdas e lutos vividas pelos idosos asilados, partindo do pressuposto que a elaboração do luto não é apenas necessária quando há a morte concreta de um sujeito. Entendemos que a fala é uma importante via para a elaboração desses lutos, tanto de mortes concretas como de mortes simbólicas. Para isso, recolhemos narrativas de oito residentes com idades entre 62 a 93 anos, de uma forma em que eles pudessem contar e recontar suas histórias quantas vezes fosse necessário, de modo a colocá-los como protagonistas da própria vida. Realizamos uma inserção semanal na instituição asilar ao longo de oito meses como forma de estabelecer a manutenção dos vínculos com os idosos e a possibilidade de estar junto deles e oferecer uma escuta adequada. Utilizamos a psicanálise como referencial metodológico a fim de averiguar os processos de luto enfrentados por essa população no contexto asilar. O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP/Assis tendo sido aprovado com o protocolo CAAE número 70827317.3.0000.5401. Ao oferecer uma escuta sensível pudemos descobrir enredos que tinham como protagonista o luto em suas diversas expressões, seja pela perda de pessoas significativas por morte ou por abandono, perda da autonomia e de condições de saúde física, além de outros relatos. O sentimento de desamparo permeou muitas narrativas. Também pudemos constatar que o processo de institucionalização pode intensificar as experiências de perdas anteriores. Isso acontece, principalmente, quando o sujeito não tem seu sofrimento legitimado e não possui um espaço em que possa falar sobre isso. Por outro lado, também há tramas permeadas pela capacidade de ressignificar experiências, apesar das limitações e exigências da instituição. Novos casais são formados, nos mostrando o aspecto desejante do sujeito, que não envelhece. A pesquisa apontou que é imprescindível criar possibilidades para o enfrentamento da condição asilar para esses idosos que residem e resistem nesse ambiente. Nos cabe ouvir e acolher as vozes e os silêncios que ecoam dentro dos muros da instituição. E fazer com que ressoem para fora desses muros, criando pontes. Órgão de fomento financiador da pesquisa: CAPES Protocolo CAAE: 70827317.3.0000.5401

VIVÊNCIAS DE PESSOAS INFECTADAS PELO HIV/ADIS SOB TRATAMENTO COM ANTIRRETROVIRAL:
UMA ABORDAGEM COMPREENSIVA

RODRIGO METZKER PEREIRA RIBEIRO
SANDRO RODRIGUES GONTIJO

Em se tratando de HIV/ADIS a não adesão aos medicamentos é considerado como um dos riscos mais ameaçadores para a eficácia do tratamento, ao nível individual e a propagação do vírus no plano coletivo. Dessa forma o presente projeto tem como principal objetivo compreender as vivências do soropositivo sob tratamento com antirretrovirais sob a óptica da fenomenologia hermenêutica. O pesquisador responsável conduziu uma entrevista fenomenológica, apenas após apresentado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi protocolado e aceito pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o número CAAE 15496819.2.0000.5515. As entrevistas foram conduzidas tomando como fio condutor a questão norteadora: Como é para o (a) senhor (a) conviver com o tratamento com antirretrovirais nesse momento da vida? Foram entrevistados seis assistidos pela instituição, sendo que quatro destes eram do sexo feminino e dois do sexo masculino. A média de idade dos participantes foi de 51,5 anos, sendo o mais velho de 65 e o mais novo com idade de 45 anos. Apenas um dos participantes da pesquisa adquiriu o HIV por meio de transfusão de sangue, todo os demais foram infectados por meio do sexo sem o uso do preservativo. As unidades de significados foram agrupadas em quatro categorias: 1) a vulnerabilidade social e a infecção do HIV; 2) abertura para um novo modo de ser no mundo; 3) a adaptação à medicação e 4) a importância da rede de apoio durante o tratamento. A ligeira diferença entre os sexos masculino e feminino pode estar relacionada a uma questão cultural de que as mulheres possuem maior "facilidade" para o reconhecimento da necessidade de buscar ajuda especializada e quiçá uma maior preocupação para com a saúde. A modificação corpórea relatada está em congruência com a literatura de acordo com os efeitos a longo prazo quanto ao uso da medicação para o controle da infecção e a repercussão que esta alteração física causa em suas vidas. No percurso do tratamento do HIV/ADIS são visíveis as dificuldades em se adaptar às náuseas, efeitos colaterais e modificação corpórea e dos próprios modos de ser no mundo junto aos outros, porém, pode-se compreender a importância para as pessoas que vivem com HIV/ADIS (PVHA) em integrar-se em um grupo onde se sente pertencente, acolhidas e seguras, para que seja minimizado os fenômenos estigmatizadores que a enfermidade proporciona ao indivíduo, colaborando para a adesão ao tratamento a partir da experiências compartilhadas entre as PVHA. Protocolo CAAE: 15496819.2.0000.5515

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA ESTRATÉGIA EM SAÚDE DA FAMÍLIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	1591
A VISITA INFANTIL EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA (UTI)	1592
ACOMPANHAMENTO DA ATIVIDADE DE "PROCESSO DE AVALIAÇÃO" DE UM CAPS INFANTO-JUVENIL.	1593
APROFUNDAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E PSICOLOGIA HUMANISTA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	1594
ATENDIMENTO CLÍNICO VOLTADO A MODALIDADE DE PLANTÃO PSICOLÓGICO, COM ENFOQUE NA SAÚDE MENTAL	1595
CRIATIVIDADE E ESPONTANEIDADE NA CONSTRUÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	1596
DOMOGENÊSE.....	1597
ENCONTROS PARA CUIDADORES: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM DIÁLOGO COM CUIDADORES DE IDOSOS	1598
ESTUDANTES DO CURSO MÉDICO REALIZAM AÇÃO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PESSOAS SURDAS NO TERRITÓRIO DE UMA ESF DE SP.....	1599
EXPERIÊNCIA NO PROJETO FAZENDO HISTÓRIA NA COMUNIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE EM TEMPOS DE QUARENTENA	1600
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO	1601
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	1602
LIGA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA, EMPREENDEDORISMO E LIDERANÇA - LAPEL	1603
OFICINAS DE TEATRO E DANÇA EM UM CAPS NO INTERIOR PAULISTA.....	1604
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL	1605
PROJETO "DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIAIS PARA VIVER E CONVIVER NO AMBIENTE ESCOLAR DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PRESIDENTE PRUDENTE"	1606
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UMA BRINQUEDOTECA DE HOSPITAL ONCOLÓGICO	1607
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTAGIONA INSTITUIÇÃO DE ENSINO ESPECIAL LUMEN IT.....	1608
RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO: ESCUTA EM UM GRUPO PARA ADOLESCENTES	1609
RELATO DE EXPERIÊNCIA EM GRUPOS E INSTITUIÇÕES	1610
VISIBILIDADE COTIDIANA	1611

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NA ESTRATÉGIA EM SAÚDE DA FAMÍLIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CAMILA ALVES DE OLIVEIRA BRITO
MARIA CLARA FAVARAO CRESPI
LARA SANT'ANA SANTOS
ANDREIA DUARTE ALVES

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de estágio realizada em uma Estratégia em Saúde da Família (ESF) de um município de médio porte do interior paulista. Localizada em uma região periférica da cidade, a população enfrenta um alto índice de desemprego e baixa renda. A principal demanda apresentada pela gestora da ESF foi o aumento das demandas relacionadas a Saúde Mental Coletiva, observadas pelos profissionais da unidade. Segundo estes, havia uma crescente queixa entre os usuários de desmotivação, baixa autoestima, tristeza, ansiedade, isolamento social e demandas emocionais ligadas ao envelhecimento. As demandas afetavam o vínculo com o usuário, sua participação nos serviços e dificultava o serviço de Atenção Primária em Saúde (APS). A intervenção teve por objetivo fortalecer o vínculo comunitário entre os participantes e construir uma rede de cuidado mútuo capaz de favorecer a autonomia e a emancipação para a promoção de Saúde e qualidade de vida, fomentando a participação mais ativa e crítica desses usuários nas ações de APS desenvolvidas ali. Para isso, buscou-se ampliar, a partir da construção de narrativas, a consciência dos sujeitos sobre a sua condição de sujeitos históricos e pertencentes a comunidade e ao território, favorecendo a obtenção de recursos pessoais e coletivos para o enfrentamento das condições comprometedoras da saúde demais direitos por parte dessa comunidade. O estágio foi desenvolvido no segundo semestre de 2019, com intervenções grupais semanais com cerca de 7 usuários da ESF. Ao longo do trabalho os usuários ampliaram o vínculo comunitário, as redes de cuidado mútuo, assumiram decisões importantes no presente e passaram a realizar projetos para o futuro. O trabalho foi fundamentado na Psicologia Social Crítica, entendendo Saúde Mental como indissociável da Saúde Integral, com atuação na política pública pela emancipação dos sujeitos. A memória foi trabalhada através da temporalidade entre passado presente e futuro, promovendo a compreensão da condição histórica dos sujeitos, através da memória individual e social, fortalecendo a consciência sobre o presente e o desejo por autonomia sobre o futuro. A territorialidade teve como recurso metodológico um mapa do município no qual as narrativas eram afixadas com cores e figuras correspondentes às narrativas de cada participante. O grupo também buscou reproduzir e estimular vivências importantes apresentadas nas narrativas.

A VISITA INFANTIL EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA (UTI)

MELISSA ITADA SILVÉRIO
LUCAS BONDEZAN ALVARES

Dentro do contexto hospitalar são encontradas diversas oportunidades de atuação para o profissional de psicologia, variando de acordo com o setor em que se intervém. Neste cenário, a visita infantil no campo da Unidade de Terapia Intensiva é uma prática possível em algumas instituições hospitalares, porém não tão amplamente utilizada. O presente trabalho é um relato de experiência de estágio em psicologia hospitalar que tem como objetivo ressaltar a importância desta intervenção e apresentar resultados que corroborem com outras fontes consultadas. Diante da realização deste trabalho, em soma com a análise de bibliografias relacionadas à temática, conclui-se que o acompanhamento da visita infantil dentro do ambiente hospitalar, proporciona resultados positivos à criança e sua família, se realizado de maneira ética e responsável por profissionais preparados para tal prática. Dentre eles, a inclusão da criança no processo de internação do familiar, a comunicação honesta com a família, a diminuição de medos e ansiedades, o desenvolvimento emocional e a prevenção de problemas psicológicos posteriores. O desenvolvimento deste material se deu em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um Hospital no interior de São Paulo, durante o horário de visitas do setor, compreendido das 12h às 13h, de segunda a sexta-feira. Como metodologia de trabalho, há um protocolo estabelecido para entrada de crianças na UTI que passa pelo crivo da equipe de psicologia e que tem como base, realizar a visita com o acompanhamento de um profissional da área. A utilização deste protocolo, aplicado a esta experiência inclui algumas etapas como: identificação do contexto familiar e análise da demanda antecipadamente; organização e agendamento da visita infantil; no momento da intervenção, a recepção e conversa inicial particular com a criança; acompanhamento do visitante e do responsável no leito; e avaliação da criança após a visita para compreensão da experiência. Se há possibilidade, também é realizado feedback com o responsável.

ACOMPANHAMENTO DA ATIVIDADE DE "PROCESSO DE AVALIAÇÃO" DE UM CAPS INFANTO-JUVENIL.

ANA CAROLINA ALVES FACHOLI
LUCAS BONDEZAN ALVARES

O presente trabalho aconteceu no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPS i), de uma cidade do interior do estado de São Paulo. O CAPS infantil é um serviço de saúde especializada da rede pública que tem por foco o acolhimento de crianças e adolescentes com até 18 anos incompletos em sofrimento psíquico grave ou persistente, estimulando a integração familiar e social, apoiando-se em suas iniciativas em busca de autonomia. O objetivo do trabalho foi conhecer a demanda do território e intervir juntamente com a equipe multidisciplinar, trabalhar em equipe e compreender o indivíduo em sua totalidade biopsicossocial. Diante do findar do acompanhamento desse trabalho concluímos a falta de adesão por parte dos assistidos, pois, de dez adolescentes acompanhados no processo, quatro foram encaminhados para a rede de saúde do município, um foi inserido no Caps i, e cinco não compareceram até o final do processo, porém, observando os casos concluídos, é de extrema importância uma rede de apoio e fortalecimento dos vínculos familiar e social, de tal modo que a intervenção não foque só no adolescente, mas na família, abarcando questões de saúde física, social e psicológica, compreendendo que o meio e as relações sociais têm um peso no indivíduo. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Trabalho realizado através do estágio obrigatório de promoção de saúde, trabalho e educação do curso de psicologia da Unoeste. A atividade realizada foi o "processo de avaliação"; que abarca etapas do conhecimento da história do indivíduo, discussão do caso e intervenção, para que propicie estratégias de cuidado para o enfrentamento do sofrimento e maior autonomia do indivíduo. No primeiro momento foi realizada uma reunião de equipe para conhecimento e discussão prévia do caso; seguindo com reunião da equipe com o adolescente acompanhado pelo responsável, para dar voz ao paciente e sua família, compreendendo as limitações, dificuldades e o querer desse adolescente; no terceiro momento foi estruturado, junto com o adolescente e a família, intervenções que visem a autonomia e o fortalecimento de estratégias e políticas públicas que favoreçam a promoção de saúde.

APROFUNDAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E
PSICOLOGIA HUMANISTA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ANDREZA PAOLA MORAIS DOS SANTOS

DAIANE CRISTINE MENDES PARDO

SANDRO RODRIGUES GONTIJO

O conceito de grupo de pesquisa corresponde a um grupo de pesquisadores, docentes, estudantes e pessoal de apoio técnico, os quais podem organizar-se em torno de linhas de pesquisa se tornando necessários para a construção de conhecimento válido dentro do ambiente acadêmico, que necessita de metodologia apropriada como base de uma ciência, como conhecimento organizado, ordenado e metódico. O estudante de graduação ligado à iniciação científica encontra a oportunidade para prosseguir no caminho universitário, desenvolvendo seus mestrado e doutorado, tornando-se muitas vezes, orientador de novos alunos. O Grupo de pesquisa tem como objetivo abrir caminho e permitir os primeiros passos em direção à pesquisa acadêmica. Nesta proposta, o grupo de pesquisa Aprofundamento Teórico e Metodológico em Psicologia Fenomenológica e Psicologia Humanista abriu possibilidades para a atuação de acadêmicos com metodologia centrada na perspectiva fenomenológica, sendo esta uma proposta inovadora de pesquisa no curso de Psicologia da Universidade do Oeste Paulista. Destarte o grupo de pesquisa tem cumprido seu papel de fomento para iniciação científica, pesquisas além de proporcionar discussões sobre os pressupostos da fenomenologia de Edmund Husserl, fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger e a Fenomenologia Existencial de Maurice Merleau-Ponty. Há quatro projetos em fase de finalização e iniciando protocolo junto ao SGP e cadastro na Plataforma Brasil. Alunos do 10º termo utilizaram a abordagem e conteúdo dados nesta atividade em seus estágios produzindo análises e intervenções. Alunos do 5º utilizaram as atividades de extensão para a produção de seus projetos de pesquisa em disciplina obrigatória do curso. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Nenhum A fenomenologia é o estudo dos fenômenos, e possibilita o pesquisador apreender o fenômeno investigado sem pré-conceitos ou definições próprias, possibilitando uma amostragem de pesquisa fidedigna, contribuindo com a comunidade científica da psicologia e da fenomenologia. Os projetos de pesquisas e pesquisas já iniciadas contam com a supervisão do professor orientador e com reuniões do grupo para estudos em fenomenologia, que ocorrem quinzenalmente de forma remota através de aplicativos de mídia, por razão da pandemia do Covid-19, onde os alunos se reúnem para compartilhar experiências de suas pesquisas e discutir as contribuições de autores e abordagens humanistas articuladas à fenomenologia.

ATENDIMENTO CLÍNICO VOLTADO A MODALIDADE DE PLANTÃO PSICOLÓGICO, COM ENFOQUE
NA SAÚDE MENTAL

FRANCIELLE COSTA KERAMIDAS
ALESSANDRA COLECTA TROMBIN PANTANO
LARISSA SCHUTTE VIDOTTI

O trabalho é resultado de um projeto de extensão, fomentado por uma das docentes da instituição de ensino, que visou possibilitar a prática clínica acerca da modalidade de Plantão Psicológico com ênfase na Abordagem Centrada na Pessoa e seus três principais pilares, para beneficiar os discentes do 4º ano do curso de Psicologia. O processo do PP é focar na intervenção imediatista e acolher o indivíduo no exato momento da sua urgência, auxiliando no resgate do sentido para a sua existência e, promover o auto questionamento e inteligência emocional gerando autonomia em suas escolhas. O objetivo do Projeto de extensão foi de cunho pedagógico afim de proporcionar aos discentes do curso Psicologia, a experiência de uma prática em atendimento clínico na modalidade de Plantão Psicológico com ênfase na Abordagem Centrada na Pessoa, e promover essa prestação de serviços em conjunto a uma entidade sem fins lucrativos, visando o acolhimento de seu público que detém um alto nível de vulnerabilidade social. Ao final o projeto se concluiu relevante em mais de um contexto, de imediato foi proporcionar o contato inicial dessa população à um acolhimento, cuidando da sua saúde mental, e suas positivas devolutivas dentre elas melhora no auto questionamento e conhecimento e habilidade em exercer a inteligência emocional para tomadas de decisões mais reais, além de também pôr os discentes em contato com a prática clínica do Plantão Psicológico e maior entendimento epistêmico acerca da ACP, possibilitando a amostragem de ambos na vivência e em casos clínicos reais. Seu desenvolvimento se deu no atendimento de 73 pessoas ao todo no decorrer do ano letivo, onde cada cliente tinha direito a dez encontros para apresentar suas queixas e relatos. Dentre os relatos em sua maioria apresentou-se queixas como: depressão, ansiedade, violência (num modo geral), ideação suicida, relações interpessoais problemáticas, baixo autoconhecimento e perspectivas atuais e futuras.

CRIATIVIDADE E ESPONTANEIDADE NA CONSTRUÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

FRANCIELI DA SILVA CARVALHO
ZILDA RODRIGUES NOGUEIRA
DAIANE CRISTINE MENDES PARDO
STEPHANIE DA SILVA SANTOS

No contexto atual da Pandemia causada pelo Covid-19 a sociedade precisou se adaptar ao isolamento e distanciamento social, criando um novo formato de cotidianidade, incluindo o universo acadêmico. Diante disso, o grupo de alunas e do nono termo de psicologia, da disciplina de Processos Clínicos, supervisionadas pela Professora Zilda Rodrigues, se propôs a executar um projeto de pesquisa denominado "Ato Terapêutico: O Psicodrama como possibilidade de resignificação das vivências no cenário de Pandemia", no qual o psicodrama é instrumento e base para a intervenção com relação a aspectos do tema em evidência: a pandemia. O desafio era justamente se adequar as normas de segurança e executar um trabalho que pudesse garantir excelência em ciência e extensão. A própria teoria psicodramática que tem como seu alicerce a criatividade e espontaneidade nos apontou como atuar nesta situação, tal como atores em cena improvisada, contamos com a novidade da cena para que, impulsionados, pudéssemos realizar esse projeto como protagonistas de novas formas de fazer ciência, psicologia e poder ofertar o bem-estar, mesmo que remotamente. Para isso as alunas se organizaram de forma remota para atender os requisitos de pesquisa, teoria e criatividade, como nos exige o mundo atual, para lidar com as crises. O fator de espontaneidade e criatividade, conceitos da abordagem Psicodramática criados por Jacob Levy Moreno (1889-1974) teve de ser despertado tanto nas alunas quanto na supervisora, pois existia uma grande escassez de artigos e referências bibliográficas diante desse momento tão único que é a pandemia do Covid-19 e as novas formas de relações terapêuticas. Enquanto alunas, nossa proposta se pautou pelo desafio de executar tudo online, em uma proposta inovadora não só da construção do projeto, como da intervenção online, sendo esta uma proposta inédita para o psicodrama neste curso. Por esse motivo procuramos formas de nos aproximar da abordagem psicodramática com cursos, leituras de artigos nacionais e internacionais sobre o Ato Terapêutico e participando de psicodramas públicos na modalidade online, fornecido pelo grupo de Psicodrama Público do Centro Cultural de São Paulo.

DOMOGÊNÊSE

ZILDA RODRIGUES NOGUEIRA
ALINE RODRIGUES PINHEIRO
ELTON RODRIGUES DIONISIO
JÉSSICA PERDOMO ALVES
LILIAN EVELIZE DE SOUZA
LUIS HENRIQUE ALENCAR FURLAN
PEDRO ANTONIO SOUZA CARVALHO
PRISCILA SANTOS DA CRUZ
OTAVIO NOGUEIRA STURARO

A atividade socioeducativa foi proposta pela disciplina Projeto Integrador II da Faculdade de Psicologia da Unoeste, com a finalidade desenvolver uma compreensão holística do ser humano em seus aspectos biopsicossocial, e após pesquisas decidimos levar a cabo o método sistêmico de interdisciplinaridade. Domo geodésico, pode ser definido resumidamente como estruturas compostas por uma rede de polígonos, geralmente triângulos, que formam uma esfera ou parte dela. Utilizando-se do conceito de biofilia no qual se sustenta na crença da ligação emocional dos seres humanos com outros organismos vivos e com a natureza, correlacionamos em analogia com a estrutura geodésica que em si mesmo é composta pela união de diversas partes, semelhantes as estruturas encontradas na natureza. O desenvolvimento do projeto surgiu a partir da concepção do que vem a ser percepção e sensação, através da perspectiva de proporcionar ao ser humano uma maior interação com o ambiente em que se encontra, ao elucidar sua conexão com a natureza. De forma que estabeleça um maior panorama de sustentabilidade e de vivência, processos estes que envolvem a biofilia. Quando falamos sobre emoções costumamos olhar imediatamente para o ambiente interno do indivíduo, no entanto é inegável a influência do ambiente sob este. Portanto, através da atividade realizada procuramos induzir uma vivência socioecológica que fortaleça o vínculo que temos com o meio ambiente e com os outros seres vivos, que essa percepção de unidade da vida nos faça menos solitários num cotidiano que estamos tão permeados de recursos artificiais e pouco prestamos atenção o quão nossas vidas estão interligadas. Aproveitamos um bambuzal que estava seco, o cortamos em pedaços de mesmo tamanho, os conectamos com fios de arame liso e chapas de aço nos vértices. Fizemos três malhas e montamos; as dimensões do domo geodésico foi de 4 metros de largura e 2,5 metros de altura central. O jardim sensorial consistiu em mudas de plantas aromáticas coletadas da região (do próprio polo da universidade), além da ornamentação com pássaros de origami, e músicas 'meditativas' que deu ao domo um clima ainda mais acolhedor. As pessoas no campus foram convidadas a adentrar o espaço que criamos com o intuito de interagirem com o ambiente e entre si; formou-se rodas de conversa em que discorrerão sobre sua relação com a natureza e como tínhamos progressivamente perdido o contato com ela devido a vida moderna e sobre a necessidade de reatar essa conexão.

ENCONTROS PARA CUIDADORES: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM
DIÁLOGO COM CUIDADORES DE IDOSOS

LUAN PUNTEL RUI
ISABELLE SINATO PIRES PEREIRA
MARIELE RODRIGUES CORREA
BRUNA RAFAELE RODRIGUES CAMPOS
CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA
LETÍCIA PASSI BATISTA
MARCELA MARCONDES LEITE

Cuidar de uma pessoa idosa é um trabalho que demanda atenção, afeto, tempo, conhecimentos, dentre outras coisas. A literatura gerontológica destaca que é comum os cuidadores de idosos se sentirem sobrecarregados física e psicologicamente, pois nem sempre encontram espaço para divisão de tarefas ou para dialogar sobre sua prática. Nesse sentido, o projeto de extensão "Vivências do cuidado: Compartilhando e promovendo saberes e práticas" foi criado para se debruçar sobre as ações atreladas ao ato de cuidar e ser cuidado, de forma a considerar tanto as demandas da população idosa quanto dos agentes de cuidado. Desta forma, avalia-se que uma discussão voltada para a dimensão subjetiva do cuidar fomenta um olhar sensível para o exercício do cuidador, o que abre espaço para a construção de novas ópticas capazes de abranger a singularidade dos vínculos contidos nestas relações, como também para as reflexões sobre o trabalho exercido e sobre como esse trabalho atravessa constantemente a história de cada um. Órgão de fomento financiador da pesquisa: (PROEX) - Pró-reitoria de Extensão Universitária e Cultura - UNESP O projeto conta com financiamento da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Dentre as ações desenvolvidas, destacamos, no presente resumo, as oficinas virtuais denominadas "Encontros para cuidadores: reflexões sobre o cotidiano". Participaram dessas atividades 45 cuidadores de idosos (formais e informais) de diferentes localidades do país, que se reuniram em ambiente virtual no período dos meses de julho e agosto de 2020, com duas psicólogas, um enfermeiro e estudantes de psicologia da UNESP, campus de Assis, pela plataforma digital 'Google Meets', ao longo de três semanas, em encontros com duração de uma hora e meia cada um. Em cada encontro, foram discutidos os sentidos do cuidar para os participantes, dificuldades e estratégias de enfrentamento utilizadas nesse trabalho, temas relacionados ao processo de envelhecimento e estratégias de autocuidado. A troca de experiências foi muito profícua e boa parte relatou se sentir sobrecarga no trabalho. Foi possível discutir as possibilidades de cuidado de si para amenizar o sofrimento e a sobrecarga. Nos encontros, discutiu-se, ainda, sobre a experiência do cuidado ser uma ação constituinte do sujeito, uma vez que tal experiência se inicia desde o nascimento do ser humano. Isso contribui para a construção da subjetivação e, conseqüentemente, afeta sua forma de zelar pelo outro

ESTUDANTES DO CURSO MÉDICO REALIZAM AÇÃO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PESSOAS SURDAS NO TERRITÓRIO DE UMA ESF DE SP.

MAYARA YUKI DE NOVAIS HIRAKAWA
REGIANE SOARES SANTANA
MARCEL FARIAS DOS SANTOS

Acadêmicos de Medicina são inseridos nas oito Estratégias de Saúde da Família e os facilitadores utilizam Metodologias Ativas como a Problematização para estimular a criação de Planos de Ação a partir das Necessidades de Saúde das pessoas que residem nos territórios adscritos. Um dos Planos de Ação desenvolvidos pelos acadêmicos esteve relacionado à aplicação da Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência. Após contato com a Coordenação da Associação dos Surdos de Presidente Prudente, facilitadores organizaram uma roda de conversa, com auxílio de um intérprete de LIBRAS, com foco na capacitação dos surdos para primeiros socorros, ressuscitação cardio pulmonar e manobras para desengasgo em crianças e adultos, utilizando manequins próprios para a atividade, buscando a promoção e proteção à saúde da comunidade. Estudantes entenderam que o empoderamento se aproxima da noção de autonomia, na medida em que ele se refere à capacidade das pessoas e dos grupos de poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito. Lembrando que o desenvolvimento da autonomia acontece, respeitando a liberdade, em processo, com possibilidades de tomada de decisão e de responsabilidade. Dessa maneira, docentes e aprendizes concordaram que Ações de Educação em Saúde para pessoas surdas devem estimular uma consciência crítica, para que os educandos se percebam como corresponsáveis por esse sistema. De acordo com Paulo Freire, a educação para a saúde pode provocar o cidadão com deficiência ou não, por meio da conscientização, de um processo de transformação do modo de pensar, de uma compreensão crítica, criativa e comprometida com a força na participação social. Dessa maneira o estudante de medicina, no papel de educador em saúde deverá conhecer diferentes realidades para favorecer a promoção do desenvolvimento da consciência crítica. Acadêmicos explicaram que a Educação e a Saúde juntas contribuem para a produção de um ambiente saudável, em trabalho coletivo e com seus conhecimentos, colocando seus saberes em favor da comunidade. O empoderamento das pessoas poderá despertar nos sujeitos seus conhecimentos para a ação. Esses usuários do Sistema Único de Saúde, a partir de um autoconhecimento, experimentam sua capacidade de agente transformador no âmbito individual e no coletivo. O empoderamento da pessoa surda está ligado à conscientização e ao diálogo, indicando um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação.

EXPERIÊNCIA NO PROJETO FAZENDO HISTÓRIA NA COMUNIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE EM TEMPOS DE QUARENTENA

ISABELA REIS VILLAS BOAS

O projeto Fazendo História é uma extensão do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) na cidade de Presidente Prudente. São realizados encontros por estudante do curso de Psicologia, com o intuito de fazer um álbum da vida da criança, para que a história dela seja contada, ouvida e respeitada por uma futura família quando houver o processo de adoção e para a própria criança poder ver relatado através de fotos, relatos e desenhos. O projeto tem como objetivo contar a história das crianças dos serviços de acolhimento da cidade, de despertar o desejo pela leitura. Nos encontros utilizamos a técnica de mediação de leitura através dos livros, onde a criança pode relacionar com sua vida e perceber que as histórias são importantes e a história dela também. Por isso estamos ali pra ajudá-la a contar um pouco de sua trajetória. Através da leitura, são construídas páginas de sua vida em conjunto (estagiário e acolhido) as quais são inclusas no álbum. Falamos então, nessas páginas, sobre alegrias, medos, rotinas, pessoas que marcaram e marcam a vida da criança, sonhos, sentimentos, entre outras. Deixamos bastante aberto em fazer página as quais as crianças possam ser livres e se expressar de forma segura, sabendo que estão contando sua história e querem ser ouvidas. Dessa forma, pretendemos que estes encontros e a construção do álbum promovam a possibilidade da criança e adolescente registrarem este momento singular vivido, seja pela pandemia como do acolhimento, mas com a garantia de preservar sua identidade, sonhos e história. Durante esse período de pandemia, os encontros foram suspensos (desde março de 2020 até início de agosto do presente ano) e as crianças dos serviços de acolhimento institucional ficaram sem receber visita, inclusive dos parentes das crianças, para se prevenir do COVID. Os profissionais dos abrigos viram que era de suma importância a volta dos encontros. Como todo o mundo está tendo que se adaptar nessa quarentena, os encontros não seriam diferentes, logo, eles estão sendo realizados de forma remota, online. As psicólogas e assistentes sociais dos abrigos juntamente com a professora responsável do projeto e os estagiários da psicologia, estão se adaptando e fazendo os encontros online serem possíveis. Um horário é definido com a criança e o estagiário para que o encontro seja realizado.

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO

MARIA LAURA LOPES BERTASSO
RICARDO ELEUTÉRIO DOS ANJOS

O presente trabalho diz respeito ao relato de experiência realizado no estágio de Psicologia Escolar que faz parte da grade do curso de Psicologia da UNOESTE de Presidente Prudente. O mesmo foi realizado em uma escola particular localizada na cidade de Presidente Prudente/SP, onde as estagiárias fizeram uma capacitação com as professoras das salas pré-escolares, que contemplam alunos de 1 a 6 anos de idade. Após as observações realizadas foi possível perceber a necessidade de uma formação para as professoras, para que as mesmas obtivessem um entendimento de porquê da importância do seu trabalho para o desenvolvimento psíquico daquelas crianças. O objetivo desse trabalho foi de realizar uma capacitação docente no que diz respeito ao conhecimento da periodização do desenvolvimento humano a partir da psicologia histórico-cultural, trabalhando com a formação dessas professoras. É possível concluir com o trabalho realizado a importância da psicologia e pedagogia andarem em unidade, pois não é possível elaborar ou conduzir os processos pedagógicos sem antes entender como é o funcionamento psíquico das crianças. As próprias professoras puderam perceber a importância de saber o funcionamento psíquico e do desenvolvimento dessas crianças para o desenrolar do seu trabalho. Em primeiro lugar foram feitas observações dentro da escola, para que fosse possível elaborar um trabalho efetivo dentro do local. Então, a partir disso, foi feita uma discussão dos resultados observados, que foram comentados em reunião com a coordenação da escola, trazendo a proposta de intervenção. Entrando na terceira etapa do trabalho dentro da escola, a elaboração do plano interventivo. Para que então o mesmo pudesse ser levado a prática, a intervenção propriamente dita. Ocorreram encontros semanais de 30 minutos cada, nas quintas e sextas-feiras, onde foram trabalhados a questão da periodização do desenvolvimento a luz da psicologia histórico-cultural. Foram contempladas 19 profissionais do local, sendo elas as professoras, as auxiliares e as estagiárias. Somente as profissionais que contemplam o ensino pré-escolar do local.

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

ANA PAULA DOMENEGHETTI PARIZOTO FABRIN

O presente relato traz uma experiência de ensino e capacitação em competências socioemocionais no ambiente universitário, desenvolvida nos cursos de Bach. em Ciência da Computação e Bach. em Sistemas de Informação da Universidade do Oeste Paulista. Justifica-se essa experiência docente como forma de verificar a melhoria da adaptação do aluno ao meio universitário, bem como aumentar seu repertório de resolução de problemas na vida pessoal, afetiva e profissional, colaborando com a formação do estudante em toda a sua totalidade. O objetivo foi analisar se essa experiência de ensino baseada na inteligência emocional pôde contribuir para a melhora na adaptabilidade do aluno em um curso superior, nas habilidades sociais, empatia, aumento da autoestima, e melhora na capacidade de resolução de problemas e de conflitos interpessoais. Obteve-se êxito e aumento significativo na adaptabilidade dos alunos nos cursos; diminuição da evasão; desenvolvimento de habilidades em resolução de problemas e resolução de conflitos interpessoais e aumento no repertório em assertividade, o que leva a consequências benéficas interpessoais em todas as áreas da vida do estudante e, portanto, permitindo uma melhor formação do aluno enquanto pessoa na sua totalidade. Órgão de fomento financiador da pesquisa: - Foram realizadas aulas expositivas, atividades práticas em sala de aula; análise de vídeos psicoeducativos e dinâmicas de grupo. A verificação da eficácia das aulas foi realizada mediante a verificação prática das habilidades trabalhadas na fase final do período letivo, sendo que o aluno não foi obrigado a realizá-las, e sim, por livre escolha e decisão, sem prejuízo acadêmico ou pessoal algum nesse processo. O aluno que quis testar as habilidades aprendidas em seu dia-a-dia participou da verificação qualitativa da eficácia do método de ensino utilizado. O aluno que não quis participar, apenas aprendeu os conceitos de forma teórica sem prejuízo algum para qualquer um desses grupos.

LIGA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA, EMPREENDEDORISMO E LIDERANÇA - LAPEL

STELA MARIS SANTOS RODRIGUES SILVA
NILMAER SOUZA DA SILVA
REGINA GIOCONDA DE ANDRADE
AMANDA RODRIGUES DA SILVA
THAMARA CRISTIANE DA SILVA PINHEIRO
PEDRO HENRIQUE DE ASSIS GUARDACHONI
GABRIELA APARECIDA DA CRUZ ESTEVAM
CAROLINA ROBERTA OLIVEIRA LEITE
MILENA MANRIQUE DE SOUZA

A Liga Acadêmica de Psicologia, Empreendedorismo e Liderança (LAPEL), da Universidade do Oeste Paulista, foi fundada no ano de 2017, e tem como objetivo social complementar a formação acadêmica em uma área específica do campo da Psicologia e das suas áreas de estudos correlatas, por meio de atividades que atendam os princípios universitários de ensino, pesquisa e extensão. Possibilitar aos alunos o enriquecimento de sua formação com os conhecimentos afins. Promover o intercâmbio de conhecimentos, já que em sua atuação tem associado outros cursos da área de gestão. Beneficiar a universidade por preparar seus alunos para o mercado de trabalho, e inovar complementando a tríade ensino, pesquisa e extensão. Até o presente momento a liga acadêmica de psicologia, empreendedorismo e liderança, realizou 41 encontros acadêmicos; 39 reuniões do diretório acadêmico; 7 eventos interinstitucionais; 7 apresentações em eventos acadêmicos; foram 22 professores envolvidos; 9 atuações no Unoeste Transforma; 220 alunos envolvidos, sendo aproximadamente 940 pessoas na população atendida. A Liga Acadêmica de Psicologia, Empreendedorismo e Liderança (LAPEL), abre suas inscrições semestralmente para alunos devidamente matriculados a partir do primeiro termo dos cursos de Psicologia, Administração, Gestão de Recursos Humanos, Gestão Comercial, Gestão Financeira, Ciências Contábeis e Direito, Comunicação Social: Jornalismo e Publicidade e Propaganda e afins, que desejam ingressar na liga, e o cadastramento de alunos que já são integrantes. Sendo encontros quinzenais de 1h00min, das 17h30min à 18h30, às terças-feiras, onde são apresentadas palestras, oficinas e dinâmicas ministradas por profissionais das áreas afins, abordando os temas de empreendedorismo e liderança no ambiente acadêmico e profissional.

OFICINAS DE TEATRO E DANÇA EM UM CAPS NO INTERIOR PAULISTA

FERNANDO SILVA TEIXEIRA FILHO

GIULIA FERNANDA FERREIRA

THAIS SOUZA FIALHO

O presente relato trata sobre oficinas de teatro e dança realizadas em um CAPS I de agosto de 2019 a março de 2020. Em meados de 2019, a psicóloga de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I) solicitou ao nosso núcleo de estágio oficinas para as/os usuários. Oferecemos o projeto de oficina de dança e teatro, que tinha como objetivo criar, por meio de técnicas artísticas de expressão corporal um espaço que fugisse da rotina já estabelecida naquele contexto e proporcionasse outras interações entre os usuários e o serviço - que, no geral, se restringiam à psicoterapia e medicalização. O foco do grupo foi possibilitar um espaço terapêutico aberto à criação de vínculos, trocas afetivas, expressões das emoções e possibilidades de diálogos. Assim, ao longo dos encontros, fizemos adaptações nas dinâmicas físicas e jogos para melhor atender às especificidades da/os participantes. As atividades mais produtivas foram as que exigiam imaginação e expressão corporal, e também os alongamentos. Devido à Pandemia, este trabalho foi interrompido. Mas, até onde o executamos, observamos um engajamento crescente em relação às oficinas e estreitamento de vínculos. Assim, acreditamos que as técnicas utilizadas produziram mudanças positivas individual e coletivamente a partir da possibilidade de expressão e diversão proporcionada. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Tais oficinas fazem parte das atividades práticas do Estágio Clinic@rte, junto ao Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista, UNESP, Campus de Assis, financiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEX). Teoricamente, baseamo-nos na Esquizoanálise e nas técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Para tal, organizamos encontros semanais com usuáries/os interessados/as, sem discriminação de sexo, gênero, idade e/ou diagnóstico. Em nossos encontros utilizamos exercícios de improvisação, expressão corporal, dança e relaxamento. Nas primeiras idas ao CAPS, além de divulgar o início das oficinas, optamos por conhecer as/os usuáries e a equipe de profissionais e conversar com eles sobre seus interesses e necessidades. Inicialmente, as dificuldades foram com a falta de espaço físico adequado até que conseguimos deixar a sala de espera e ocupar o Polo Academia de Saúde do município. Além disso, havia necessidades e dificuldades físico-motoras de cada usuário, que eram bem diversas visto que o grupo não tinha restrição de faixa etária, atendendo desde pacientes infanto-juvenis até idosos, cada um com sua individualidade.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E O DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

FRANCIELLE COSTA KERAMIDAS
ALESSANDRA COLECTA TROMBIN PANTANO
LARISSA SCHUTTE VIDOTTI

Esse trabalho é resultado do fruto de um projeto de extensão de Orientação Profissional, idealizado por uma das docentes de um Centro Universitário do interior de São Paulo e, ministrado por alunos do 8º período do curso de psicologia. O projeto propunha oportunizar aos discentes de forma prática e teórica o contato com uma área da Psicologia vezes pouco explorada, na qual detêm o poder de colaborar na resolução acerca de muitas questões que reverberam angústias e sofrimentos que é a escolha da profissão/carreira do indivíduo. O objetivo do projeto foi propor contato pratico dos discentes do curso, com uma área da Psicologia que trabalha questões relevantes durante todo o desenvolvimento do sujeito, além de abrir espaço para outros campos que a profissão para além da pratica clinica efetuada tradicional do consultório, com isso, também levar aos adolescentes participantes a oportunidade de entender melhor o mundo acadêmico, suas vocações e possibilidades existentes a eles. Como conclusão o feedback foi super positivo acerca da percepção dos alunos quanto a si mesmos, suas vontades e possibilidades para o futuro, além de relatos pessoais que trouxeram devolutivas alegando ter conseguido entender melhor o curso que queria e suas opções, foi notável também um melhor desenvolvimento da inteligência emocional, quanto aos discentes houve uma riqueza pratica dentro da área de OP, redirecionando as formas de ver a atuação do psicólogo. O projeto foi desenvolvido em uma escola Estadual com adolescentes do 2º e do 3º ano do ensino médio, onde contou com oito encontros abordando diferentes temas em cada um deles como: palestra de apresentação do projeto e retirada de dúvidas quanto a ENEM/FIES/PROUNI, vestibular e sistemas de cotas além dos temas trabalhando desenvolver autonomia, autoconhecimento, inteligência emocional e percepção do real e suas possibilidades. De encerramento se levou devolutivas individuais para cada um, além de contar com uma confraternização de despedida dos discentes para com os alunos.

PROJETO "DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIAIS PARA VIVER E CONVIVER NO AMBIENTE ESCOLAR DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PRESIDENTE PRUDENTE"

THALITA OLIVEIRA MARTINS CAMPOS

JESSICA FERRUCI CEZAR

VANESSA CASTELÃO PASCUTI

MARINA APARECIDA ALVES

A Secretária Municipal de Educação de Presidente Prudente, através do Setor de Ações Complementares à Educação (SACE), desenvolveu este projeto em resposta às demandas apresentadas pelas unidades escolares aos profissionais desse setor (assistentes sociais, educadora em saúde e psicólogas). Necessitando capacitação dos profissionais da educação e uma maior eficiência nas mediações de conflitos, as profissionais de psicologia desenvolveram uma ação formativa e de desenvolvimento pessoal, baseado na teoria de habilidades sociais, nos quesitos assertividade e empatia. Del Prette (2017) discorre que as habilidades de comunicação, expressividade e desenvoltura nas interações sociais podem reverter em amizade, respeito, status no grupo e em uma convivência cotidiana mais agradável. Correlacionando com rendimento acadêmico, responsabilidade, independência e cooperação. Marshall B. Rosenberg traz a teoria de "Comunicação Não Violenta", expondo algumas técnicas para o aprimoramento dos relacionamentos pessoais, propondo um processo dinâmico que auxilia no desenvolvimento das habilidades de autocontrole e expressividade emocional, empáticas e assertivas. Apresentando quatro componentes do processo de comunicação: Observar sem julgar, identificando ações concretas que afetam o bem-estar; Identificar os sentimentos referente à situação; Reconhecer as necessidades, e; a Solicitação, expressa de forma clara e honesta. Estes conhecimentos são essenciais, pois auxiliam o desenvolvimento das habilidades sociais, consequentemente melhor interação social. Acessar às teorias e auxiliar no desenvolvimento das habilidades sociais e na mediação de conflitos. Possibilitando desenvolver no contexto educacional, atividades voltadas para as seguintes habilidades sociais: autocontrole e expressividade emocional; empáticas; e assertivas. Os encontros proporcionaram reflexões sobre a aplicabilidade dos conteúdos e formas de atuação nas mediações de conflitos no contexto escolar. Visando um novo olhar frente aos conflitos sociais, auxílio no desenvolvimento das habilidades sociais, melhorando a convivência escolar. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Seduc Presidente Prudente Foi realizada oficinas com profissionais da educação, com 2h30 cada, em 10 Escolas do Município, na Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e na Hora de Atividade Coletiva (HAC). Os encontros foram realizado por meio de dinâmicas e roda de conversa e com materiais visuais e de papelaria, em uma sala da Unidade Escolar, conduzido por psicólogas.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UMA BRINQUEDOTECA DE HOSPITAL ONCOLÓGICO

HELOISA SARQUIS GUELFÍ
ALANA BRUNA PEREIRA LEITE
LUCAS BONDEZAN ALVARES

A experiência de estágio que será apresentada no presente relato foi realizada em um hospital oncológico no estado de São Paulo. No dado local, nós realizamos o trabalho de escuta e acolhimento das crianças e adolescentes que são pacientes do hospital juntamente com seus acompanhantes na brinquedoteca que é também sala de espera para o atendimento pediátrico oncológico. O objetivo deste acompanhamento era o de proporcionar um espaço de escuta para os pacientes e acompanhantes, onde pudessem compartilhar suas angústias, seus medos e suas experiências, para que assim pudessem ressignificar a doença, suas vivências e o desenvolver melhores estratégias de enfrentamento. Concluiu-se que, diante da mudança, os pacientes e os acompanhantes demonstraram-se mais confortáveis no período de espera e também mais à vontade para falarem sobre a doença e suas rotinas com ela. Nós permanecemos 4 horas semanais no hospital oferecendo escuta aos pais e adolescentes e fazendo trabalhos lúdicos com as crianças, como jogos e desenhos. Dentre as idas, pôde-se observar que há uma necessidade muito grande dos pais de relatarem suas experiências, e, muitas vezes, esses pais tomam o lugar de fala dos filhos por conta dessa necessidade. Sendo assim, começamos a dividir mais o tempo entre os acompanhantes e os pacientes, dando espaço para que todos pudessem ser ouvidos e tivessem a atenção necessária.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTAGIONA INSTITUIÇÃO DE ENSINO ESPECIAL LUMEN IT.

NATHALIA MANOEL PEREIRA
JESSYCA LINO TONI
RICARDO ELEUTÉRIO DOS ANJOS

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência das alunas do 9º termo de Psicologia da UNOESTE dentro do estágio Específico em Promoção de Saúde, Trabalho e Educação na instituição de ensino especial Lumen et Fides, da cidade de Presidente Prudente. Houve a participação das alunas, em um projeto já existente dentro da instituição, com alunos de variadas idades que foram submetidos ao processo de ensino de leitura e aprendizagem por equivalência de estímulos. Visando o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos dentro do Espectro Autista, o projeto realizado buscava cumprir com o papel escolar de alfabetizar seus alunos de uma forma inclusiva e respeitando suas limitações e suas individualidades. A presença e colaboração de um psicólogo escolar nesse processo se fazem indispensáveis quando um dos objetivos é auxiliar no desenvolvimento social e cognitivo dos alunos, buscando trazer uma aprendizagem mais elaborada e inclusiva. O objetivo do projeto era auxiliar os alunos, todos dentro do Espectro Autista a desenvolverem habilidades e capacidades de leitura e escrita seguindo um protocolo de ensino. O trabalho não pode ser finalizado devido a pandemia do Covid-19, porém, foi possível analisar uma melhora significativa no repertório comportamental dos alunos, no contexto social dos mesmos e respostas importantes para analisar que os alunos estavam desenvolvendo as habilidades de leitura e escrita de palavras. Ainda assim foi possível concluir que o processo de leitura e aprendizagem por equivalência de estímulos tem um efeito positivo do desenvolvimento de habilidades acadêmicas de indivíduos que estão dentro do Espectro Autista. Inicialmente foi realizado a aproximação das estagiárias com os alunos da instituição, visando que os mesmos desenvolvessem uma certa familiaridade com elas, um ponto que interfere diretamente no desempenho das atividades que foram realizadas. Em seguida, as estagiárias juntamente com um pedagogo, aplicaram os procedimentos de ensino por equivalência de estímulos nos alunos. A aplicação foi realizada de forma individual, dentro de uma sala estruturada e com reforçadores de preferência de cada aluno. O procedimento era realizado duas vezes na semana, com duas horas de duração, variando entre três ou quatro alunos por dia, levando em consideração que cada aluno, demorava um tempo muito particular para realizar e emitir as respostas desejadas em cada etapa do procedimento.

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO: ESCUTA EM UM GRUPO PARA ADOLESCENTES

NAYARA FARIAS FUJIHARA
IGOR COSTA PALO MELLO

Trata-se de um estágio Supervisionado em Promoção de Saúde no Trabalho e na Educação que faz parte da grade curricular do curso de Psicologia da Universidade do Oeste Paulista. Este estágio foi realizado em uma escola técnica e de Ensino Médio, cuja proposta foi trabalhar com adolescentes em grupo seguindo a Teoria de Processos Grupais por meio da técnica de grupos operativos de Pichón-Riviére, utilizando a música como instrumento facilitador para elaboração. O grupo operativo envolve a mudança/transformação em processo gradual e dialético, o qual é representado graficamente por um cone invertido. A ideia do grupo com adolescentes e a música como instrumento facilitador foi, então, fazer com que cada participante do grupo se sentisse a vontade para se manifestar por meio da música, dos sons, da voz, da improvisação, do corpo e/ou se mobilizasse com ela ao ouvi-la ou ao realizar jogos/dinâmicas musicais. A escolha deste trabalho em uma instituição de ensino justificou-se por ser local onde ocorrem fenômenos grupais característicos da adolescência e por ser a adolescência uma fase importante de transição. Objetivos: Promover um espaço de escuta e, por meio da técnica dos grupos operativos, a reflexão dos participantes acerca da adolescência e suas transições. Pretendeu-se também promover a ampliação de conhecimento e a troca de experiências, não possuindo caráter clínico. Neste trabalho pôde-se perceber a importância de um espaço que acolha adolescentes e que estimule suas potencialidades. O trabalho foi desenvolvido a partir de discussões, feitas em grupos, sobre temas pertinentes à fase de transição dos adolescentes, tal como prevê a técnica de Ensino-Aprendizagem de Grupo Operativo do Pichón-Riviére. Metodologia era participativa e utilizava-se uma roda de conversa em encontros realizados semanalmente, às 13h00, em uma sala de aula grande que dispõe de ar condicionado, luz, janelas e projetor; com duração de duas horas cada encontro. Via Google Meet, devido o isolamento social, o encontro acontecia semanalmente às 16h00 com duração de uma hora. Participantes: 5 adolescentes entre 15 e 17 anos. Cada encontro tinha um tema a ser discutido e tarefas a serem realizadas. O cronograma, bem como seu planejamento, fora desenvolvido em cima de sugestões de temas que os participantes trouxeram no primeiro encontro. Alguns temas trabalhados foram: família, vínculos afetivos, bullying, sexualidade, emoções e ansiedade.

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM GRUPOS E INSTITUIÇÕES

JOANA SANCHES JUSTO
ADRIELLE TENORIO DUARTE
AMANDA TATIANE VAZ
CASSIA APARECIDA RIBEIRO
ILSA MARCELA DIAS PASCHOAL
LOISE ANE CARDOSO
LUÍS GUSTAVO GOMES NOGUEIRA

Houve quatro instituições atendidas pelos estagiários, elas não possuem contato entre si. Ainda assim, percebeu-se nas supervisões que a mediação da imagem nas relações sociais atravessava de algum modo cada grupo. Logo, o tema - a imagem e as relações - tornou-se um polarizador das discussões. Justifica-se o relato de experiência pelo fato de, por mais diferentes que sejam os objetivos do trabalho de cada grupo, a imagem é o ponto de encontro entre eles, sendo esta o produto de movimentos da sociedade, algo não por existência e sim por aparência, além de questões como felicidade atrelada à mercadorias, para a sustentação de uma aparência vendida em massa. Relatar a experiência de grupo de supervisão. Registrar pontos de conexão entre temas e reflexões. Investigar mediações da imagem. Relacionar o trabalho com grupos das diversas instituições escolhidas Com discussões embasadas em autores que falam da atual sociedade contemporânea (Debord, 1997; Bauman; Novaes, 2005; Negrini e Augusti, 2013), foi possível identificar que movimentos atrelados à imagem estiveram presentes nos grupos acima apresentados. É importante ressaltar que nas supervisões surgiram discussões sobre o quanto nossa sociedade é marcada pela cultura capitalista, sendo a posse de bens e de objetos um sinônimo de felicidade. O bem estar, o amor, a felicidade e o desejo parecem estar atrelados a objetos, sejam eles materiais ou imateriais, por isso nos parece pertinente interrogar em nome de que é ofertada uma imagem aos outros? O que uma imagem desperta em um indivíduo? Qual é a sua relação com o outro? Existe um olhar para além da imagem espetacularizada ? É possível tentar desvendar uma imagem ? Mais do que responder apressadamente estas colocações, são precisas estas questões que delimitam nosso percurso de trabalho e também de escuta no que tange nossa responsabilidade enquanto profissionais regidos por uma ética. Órgão de fomento financiador da pesquisa: Estágio Obrigatório V - Psicologia. É um relato de experiência de um grupo de supervisão do estágio básico supervisionado V do curso de Psicologia da UNOESTE foi composto por alunos do oitavo termo e um supervisor. O estágio visa a atuação dos alunos como coordenadores de grupo, desde a escolha do local, intervenção e devolutiva. O trabalho é embasado na técnica de grupos operativos de Pichón Rivièrè.

VISIBILIDADE COTIDIANA

ZILDA RODRIGUES NOGUEIRA
MARIA EDUARDA CRITÓVÃO MENOTTI
TAMYRES PICHIONI PELLOZO
RAUL FAGUNDES VALERIO
SARAH FERNANDA FORTI
CAROLINA CAVALHEIRO PEREIRA MARTINS
GRAZIELA SILVA PAES
GABRIEL ERNESTO BETINE
MARIA EDUARDA SCHWARZ TERRA
MARIA EDUARDA MEDEIROS SPOSITO

Essa atividade foi desenvolvida à partir da disciplina do projeto integrador 2, do curso de Psicologia da Unoeste com uma proposta a reflexão sobre a visibilidade cotidiana dos funcionários que englobam uma instituição, e que, conceitualmente, são excluídos do sistema como um todo. Para a presente análise, foram utilizadas para a bibliografia, as citações de Capra (2012), que entendeu o sistema como uma totalidade viva e integrada, transitando pela formação do social, que Maturana (2002) percebe enquanto emoção intrínseca e chega a Freud (2011), que destaca o constante valor de troca e suas relações em um mesmo nicho da sociedade. Sendo assim, o foco do mesmo preside no levantamento total e em partes do pensamento interdisciplinar sobre o dia a dia de profissionais constantemente excluídos de um sistema plural. Gerar reflexões baseadas na visibilidade dos funcionários conceitualmente excluídos do sistema e promover a percepção e a conscientização dos mesmos, fazendo com que toda lógica presente se reconstrua de forma abrangente. O trabalho apresentado não tem a pretensão de proporcionar respostas, nem se posicionar como sendo uma unidade de análise dos fenômenos biopsicossociais ambientais das problemáticas, mas sim, demonstrar como um grupo de estudantes do 2º semestre do curso de Psicologia tem conseguido, com pouca prática metodológica, apresentar reflexões e conexões interdisciplinares com o propósito de constituir senso crítico em torno das questões não só demonstradas em aula, como em diferentes contextos sociais, presentes no cotidiano de cada um, e possibilitando dessa forma demonstrar que com interesse, dedicação e empenho acadêmico, pode-se construir todo um panorama científico valorizando a adequação de saberes inclusivos e populares. Para a análise geral da problemática, a técnica de coleta de dados foi utilizada com os funcionários da seção técnica de manutenção da universidade. Juntamente a imagens e relatos pessoais, embasados no questionamento "como é trabalhar e fazer parte da universidade?", os alunos fizeram uma exposição no bloco 3 da instituição (UNOESTE) com uma serie de imagens e relatos desta face comumente esquecida do corpo de funcionários.